

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM MODA

Luísa Carvalho Costa Del Bianco

Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas

Juiz de Fora

2024

Luísa Carvalho Costa Del Bianco

Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabela Monken Velloso

Juiz de Fora

2024

Del Bianco, Luísa Carvalho Costa.

Mantos Sagrados e Religiosidade no Brasil : Fotografias, Trajes e Narrativas / Luísa Carvalho Costa Del Bianco. -- 2025.

83 p. : il.

Orientadora: Isabela Monken Velloso

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2025.

1. Traje. 2. Indumentária. 3. Espiritualidade. 4. Religião. 5. Fotografia. I. Monken Velloso, Isabela , orient. II. Título.

Luísa Carvalho Costa Del Bianco

Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Aprovado em 14 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Isabela Monken Velloso – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Me. Luiz Fernando Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Adriana Gomes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho àqueles que procuram por um respiro profundo em meio ao sufoco cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Às forças visíveis e invisíveis que muito me cercaram ao longo do projeto, e que ainda me cercam, agradeço por me permitirem tanto aprender, não só sobre o material estudado, mas sobre mim mesma. Aprender sobre meus valores, meus limites, minhas crenças e descrenças. Aprender sobre o cuidado com aquilo que eu ainda desconheço e sobre os lugares que podemos ocupar.

Às orientações da professora Isabela Monken Velloso, deixo meu profundo agradecimento. Seu incentivo ao meu voo e aos meus desejos permitiram com que todo o processo se tornasse cada vez mais próximo daquilo que me toca. Sua permissão em me deixar seguir conforme meu caminho se desdobrava, permitiu-me viver uma das mais profundas e mais sinceras aventuras que eu já vivi.

À minha família, a qual fui presenteada pela vida, não agradeço apenas pelo apoio durante o desenvolvimento do trabalho, mas por serem refúgio e sinônimo de cuidado durante toda a minha existência. É muito bom saber que, independentemente das circunstâncias, sempre terei um lugar para retornar, um abraço apertado para me aconchegar e um colo para curar aquilo que dói.

Aos meus amigos, eu nada seria sem o apoio e carinho que recebo diariamente. Com toda certeza eles foram parte essencial para que eu conseguisse aguentar todo o processo. A mim, só cabe agradecer por ter pessoas tão especiais ao meu lado, que me fazem crescer, que me auxiliam a aprender mais sobre a vida, sobre as diferenças, sobre a cumplicidade e sobre ser suporte. Obrigada por tornarem o caminho mais leve.

Aos professores, gostaria de expressar minha profunda gratidão. Cada um de vocês contribuiu para o meu crescimento, não só no conhecimento, mas também como pessoa. A experiência da Universidade é engrandecedora. Sou grata por cada ensinamento, cada orientação, que moldaram, de alguma forma, o modo como hoje enxergo não só os corpos, mas também aquilo que os encobre.

Minha gratidão também ao Guilherme e ao Gustavo que, num momento de dificuldade, prontificaram-se a me emprestar o equipamento necessário para que eu conseguisse tornar real tudo aquilo que ainda era um desejo.

Àqueles que me permitiram adentrar e registrar seu zelo e sua conexão com o sagrado, obrigada por me concederem a oportunidade de vivenciar de perto e registrar aquilo de mais

íntimo que experienciam com o divino. Obrigada ao Padre Gilberto de São Miguel Arcanjo, CP e a todos integrantes do Terreiro Filhos do Rei, em especial ao Pai Guilherme e à Ana Clara, por possibilitarem a materialização daquilo que eu tanto almejava, guiando-me e me orientando a todo momento.

Para a realização deste trabalho, nada seria possível sem o apoio e carinho daqueles que me circundam e que de mim cuidam. Sou muito grata por estar cercada por pessoas que tanto me ensinam e inspiram.

RESUMO

O presente trabalho aborda o universo das vestimentas religiosas, no contexto das práticas do Budismo, da Igreja Católica e da Umbanda, compreendendo o traje como um dispositivo que pode aproximar o indivíduo ao plano espiritual. A partir de um ensaio fotográfico, procura-se revelar a importância dessas vestes para a espiritualidade de cada religião e como elas podem construir um senso de pertencimento e identidade dentro de uma comunidade, unindo cada indivíduo ao metafísico. Através de visitas a diferentes templos, com contato direto com práticas religiosas e alguns de seus praticantes, a autora buscará registrar, por meio de fotografias, em um formato intimista e mais profundo, a espiritualidade que se manifesta mediante esses trajes. Procura-se alcançar, como resultado dessa pesquisa, um catálogo fotográfico que consiga transmitir a misteriosa e intensa relação entre os mantos sagrados e a religiosidade.

Palavras-chave: Traje. Religião. Espiritualidade. Conexão. Fotografia.

ABSTRACT

This work addresses the universe of religious clothing, within the context of the practices of Buddhism, the Catholic Church and Umbanda, understanding clothing as a device that can connect the individual to the spiritual level. Through a photographic essay, the author seeks to reveal the importance of these garments for the spirituality of each religion and how they can construct a sense of belonging and identity within a community, uniting each individual with the metaphysical. Through visits to different temples, with direct contact with religious practices and their practitioners, the author aims to capture, through photographs, in an intimate and deeper format, the spirituality that manifests itself through these clothes. The main goal is to achieve, as a result of this research, a photographic catalog that can convey the mysterious and intense relationship between sacred garments and religiosity.

Keywords: Clothes. Religion. Spirituality. Connection. Photography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Painel semântico do Budismo	21
Figura 2 – Painel semântico da Igreja Católica	22
Figura 3 – Painel semântico da Umbanda	16
Figura 4 – Prancha de Tema I – Budismo	28
Figura 5 – Prancha de Tema II – Igreja Católica	29
Figura 6 – Prancha de Tema III – Umbanda	30
Figura 7 – Prancha de Design	32
Figura 8 – Prancha de Iluminação	34
Figura 9 – Prancha de Beleza	36
Figura 10 – Prancha de Posicionamento de câmera	38
Figura 11 – Prancha de Locação - Budismo	40
Figura 12 – Prancha de Locação - Igreja Católica	41
Figura 13 – Prancha de Locação - Umbanda	42
Figura 14 – Prancha de Vestuário - Budismo	44
Figura 15 – Prancha de Vestuário - Igreja Católica	45
Figura 16 – Prancha de Vestuário - Umbanda	46
Figura 17 – Prancha de Acessórios - Budismo	48
Figura 18 – Prancha de Acessórios - Igreja Católica	49
Figura 19 – Prancha de Acessórios - Umbanda	50
Figura 20 – Painel semântico Pierre Verger	51
Figura 21 – Painel de Ficha Técnica	53
Figura 22 – Foto Budismo 1	55
Figura 23 – Foto Budismo 2	55
Figura 24 – Foto Budismo 3	56
Figura 25 – Foto Budismo 4	57
Figura 26 – Foto Umbanda 1	58
Figura 27 – Foto Umbanda 2	59
Figura 28 – Foto Umbanda 3	60
Figura 29 – Foto Umbanda 4	61
Figura 30 – Foto Umbanda 5	62
Figura 31 – Foto Umbanda 6	63
Figura 32 – Foto Umbanda 7	64

Figura 33 – Foto Umbanda 8	65
Figura 34 – Foto Umbanda 9	66
Figura 35 – Foto Igreja Católica 1	67
Figura 36 – Foto Igreja Católica 2	68
Figura 37 – Foto Igreja Católica 3	70
Figura 38 – Foto Igreja Católica 4	71
Figura 39 – Foto Igreja Católica 5	72
Figura 40 – Foto Igreja Católica 6	72
Figura 41 – Foto Igreja Católica 7	73
Figura 42 – Foto Igreja Católica 8	74
Figura 43 – Foto Igreja Católica 9	75

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 – Planilha de custos do editorial	54
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	ROUPA, MODA E INDUMENTÁRIA	15
2.2	ROUPA E SENSIBILIDADE: MODOS DE SER E ESTAR	16
2.3	VESTES, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE	18
2.4	NOTAS, SELEÇÕES E REFLEXÕES: BUDISMO, CATOLICISMO E UMBANDA	20
2.4.1	Budismo	20
2.4.2	Catolicismo	21
2.4.3	Umbanda	23
2.5	O ENCONTRO COM A IMAGEM: FOTOGRAFIA E NARRATIVA.....	24
3	DESENVOLVIMENTO DO CATÁLOGO	27
3.1	CONCEITO DO CATÁLOGO	27
3.1.1	Conceito	27
3.1.2	Design	31
3.1.3	Iluminação	33
3.1.4	Beleza	35
3.1.5	Posicionamento de câmera	37
3.1.6	Locação	39
3.1.7	Vestuário	43
3.1.8	Acessórios	47
3.2	PELAS LENTES DE VERGER	51
4	O CATÁLOGO: EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS	53
4.1	CRÉDITOS	53
4.2	TABELA DE PREÇOS	54
4.3	NARRATIVAS DO CATÁLOGO	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
6	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se como uma análise acerca das vestimentas religiosas e como elas carregam uma importância que muito ultrapassa os valores estéticos. Sendo assim, a pesquisa intenta propor um momento de reflexão e introspecção de como tais trajes vestem e revestem a quem os utiliza. Para tanto, buscando materializar algo que normalmente só se é admirado e adorado na esfera imaterial, invisível aos olhos, é proposto para a pesquisa o desenvolvimento de um catálogo fotográfico que gere essa experiência de imersão e conexão.

A principal motivação para o desenvolvimento deste projeto surge a partir de um desejo que há tempos habitava a autora de se aprofundar e se tornar mais íntima da temática das vestes religiosas e entender como elas podem conduzir esse processo de proximidade entre os indivíduos e a esfera espiritual, buscando trazer aos holofotes aquilo que comumente deixamos de admirar e, por vezes, nos passa despercebido.

A curiosidade sobre tal assunto surgiu principalmente pelo interesse da autora em estudar religiões diferentes daquela que a cercou durante toda a vida e, a partir dessa procura e analisando as diversas manifestações existentes, as vestes sempre foram algo que encantaram o seu olhar e a tocaram, de certo modo. Dessa maneira, instigada pelos sentimentos despertados com o contato com os tecidos, linhas e aviamentos que encobriam o corpo daqueles que procuravam se conectar com algo superior à nossa consciência, tornou-se vivo seu anseio de pesquisar o paralelo entre os universos que a conduziram durante a vida.

Em uma realidade que pouco tem valorizado a conexão do humano com algo maior, que não busca olhar para dentro de si, que se afoga entre as efemeridades da vida moderna e cotidiana, surge a necessidade de algo que traga calma para aquilo que se encontra atormentado. Neste sentido, a autora apresenta esta pesquisa como uma proposta de um silenciar da mente, de uma respiração profunda em meio ao caos.

Procura-se, a partir do projeto, mostrar, através de imagens fotográficas, como a vestimenta se comporta e se impõe dentro das práticas religiosas do Budismo, da Igreja Católica e da Umbanda, além de analisar como elas interferem de modo direto, ou indireto, na conexão entre o indivíduo e o plano espiritual. A fim de alcançar tais objetivos, faz-se necessário entender e interpretar o relacionamento dos religiosos com suas vestes. Busca-se ainda compreender como cada um desses trajes, inseridos em suas devidas manifestações religiosas, podem gerar um senso de pertencimento e identificação entre seus praticantes.

A pesquisa exporá, por meio de um catálogo fotográfico, as diferentes vestes religiosas presentes nas práticas anteriormente mencionadas, a fim de descobrir como cada

espiritualidade se manifesta através delas. A partir de uma pesquisa exploratória e descritiva, procura-se entender como as pessoas, a partir das vestimentas, se conectam ainda mais com o universo espiritual. Fundamentando-se em um método qualitativo, a autora buscará entender e interpretar os relacionamentos dos religiosos com suas vestes, tendo contato direto com as diferentes formas de manifestação religiosa, por meio de uma pesquisa de campo, além de uma fundamentação teórica a que possa se apoiar.

Em uma contextualização teórica, serão discutidos, primeiramente, conceitos substanciais da Moda e como podemos diferenciá-los. Apoiando-se em materiais bibliográficos encontrados em livros, artigos, dissertações e palestras, busca-se esclarecer as diferenças entre esses termos para se conseguir posicionar os trajes religiosos dentro desse universo. Em seguida, será exposto como as roupas influenciam o modo de ser e estar das pessoas, revelando como elas podem carregar em si histórias, sentimentos, vida ou morte, acompanhando os ciclos que passamos durante a nossa existência.

Em sequência, procura-se apresentar uma possível fundamentação sobre os conceitos de Religião e Espiritualidade e sua relação com os vestíveis, para então contextualizar historicamente cada uma das manifestações religiosas. Por fim, ainda no segundo capítulo, é esclarecido o porquê do foto catálogo e qual a relação da autora com este método de expressão artística. Posteriormente, no terceiro capítulo, revela-se todo o processo criativo envolvido no desenvolvimento do catálogo, todas as inspirações e referências que serão utilizadas para alcançar o resultado final almejado.

Como motivação social, pretende-se com este trabalho explorar o universo das vestimentas religiosas, que muitas vezes nos passa despercebido, e trazer o olhar das pessoas para tais artifícios. Dessa forma, o projeto busca expor a relação direta que estas roupas estabelecem com suas devidas manifestações religiosas, e como elas carregam e expressam em si a espiritualidade que conecta o indivíduo ao plano sobrenatural. Por fim, a produção do foto livro surge como uma proposta de trazer para o físico aquilo que se manifesta invisivelmente aos olhos, tornar palpável aquilo que é imaterial e fazer o indivíduo se sentir vestido com os mantos sagrados.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

As vestimentas desempenham um papel fundamental na construção da identidade de um ser, não apenas como uma necessidade prática, mas também como um meio de expressão pessoal e social. Neste sentido, as roupas ganham força para comunicar aquilo que compõe o indivíduo que as vestem, seja o status, o pertencimento a determinados grupos e até mesmo valores culturais. Sendo assim, o ato de se vestir vai além de uma questão estética ou funcional, podendo indicar fatores econômicos, sociais, políticos e até mesmo as crenças das pessoas. À vista disso, as vestimentas se tornam parte integrante da composição da identidade, atuando como uma extensão de quem somos e como desejamos ser percebidos pelos outros. A seguir, serão discutidos temas que auxiliarão na compreensão dessa relação do indivíduo com aquilo que reveste seu corpo de significados.

2.1 ROUPA, MODA E INDUMENTÁRIA

Em uma palestra para o evento Ted Talk (Youtube), no ano de 2017, o estilista mineiro Ronaldo Fraga afirma que a roupa comunica, a roupa carrega em si uma alma, ela conta histórias. Não é em vão que grande parte de descobertas feitas sobre a história da humanidade se deram a partir do encontro, do contato e do estudo ao longo dos anos das vestimentas utilizadas pelas pessoas em diferentes épocas.

Muito além de sua função inicial de proteção e cobertura, as roupas nos revelam muitos elementos. De acordo com Paolo Sorcinelli (2008), essas peças, além de servirem para cobrir, enfeitar e valorizar as partes do corpo humano, são também uma representação de mudanças e eventos que contribuíram para o desenvolvimento e crescimento da sociedade, sejam tais pessoais ou coletivos, sociais ou econômicos. Antes mesmo de virarem artifícios de um mercado de moda, elas já determinavam épocas, povos, classes e normas. Nos indicavam, através de sua caracterização como indumentária, os costumes de grupos, suas tradições.

É necessário esclarecer que só passamos a ter uma ideia semelhante ao que hoje conhecemos por sistema de moda a partir da Idade Média, com o movimento cíclico desse mercado entre as diferentes classes sociais, que viviam sempre numa busca de assimilação e diferenciação. Anteriormente a esse período, tudo o que se vestia, ou simplesmente cobria o corpo, recebia a classificação de indumentária, traje ou simplesmente roupa.

De maneira direta, aquilo que cobre um corpo humano, nos seus mais diversos formatos, é um traje, uma roupa, indumentária ou vestimenta [...] é uma peça

ou combinação de peças que cobrem, total ou parcialmente, o corpo humano. E nem sempre apenas com função de proteção. (VIANA, 2017, p. 33).

De acordo com o estudioso Massimo Baldini, o traje assume, então, papéis essenciais no reconhecimento e identificação de um indivíduo dentro da sociedade, sejam essas funções práticas, estéticas, eróticas, mágicas ou regionais. Ele deve se encaixar nas normas de conduta, nos valores e nas morais da comunidade no qual está inserido, permanecendo imutável, somente sofrendo alterações quando necessário ou permitido pelo coletivo que o adota.

Pode perceber-se, a partir de então, que existem contrastes elementares entre as definições de termos desse universo que afastam uma indumentária da roupa de moda. Ao contrário da vestimenta popular, que se fez presente desde o início da jornada humana, Baldini afirma que as peças que seguem o sistema modista se comprometem com o efêmero, com as mudanças rápidas, com as novidades, a fim de se diferenciar daquilo que as antecederam e de atender e agradar os gostos daqueles que as criaram. A moda é, portanto, retrato de um sistema político, econômico e social, que reflete as metamorfoses transitórias que ultrapassam os hábitos, os costumes e as realidades sociais.

O termo Moda será empregado como um vestuário elaborado, repleto de significados e de uso social, que reflete um conjunto de padrões estabelecidos para períodos determinados de maior ou menor duração histórica [...] refere-se a um padrão em série que o mercantilismo, por volta de 1300, difundiu, ampliou e deu todo o suporte mecânico de reprodução e que hoje atinge proporções sensacionais. (VIANA, 2017, p. 33).

Retomando, pois, as palavras do estilista brasileiro previamente referenciado no texto, as vestes nos comunicam algo. Elas se tornam instrumentos e ferramentas de comunicação. Elas podem carregar, em suas essências, signos e simbologias que se associam a quem as está utilizando. Elas guardam em si valores e morais que são gerados e guiados não somente por questões econômicas e sociais, mas também por razões religiosas. Desse modo, o presente trabalho procura estudar e analisar alguns desses trajes religiosos, não como roupas de moda, mas como indumentárias, que revelam os comportamentos de um grupo, sua identidade, mas acima de tudo a espiritualidade que carregam em si.

2.2 ROUPA E SENSIBILIDADE: MODOS DE SER E ESTAR

Analisando a pesquisa de Angélica Adverse, determina-se que o ato de vestir um corpo, ou despi-lo, foi guiado, ao longo da história, por uma série dos mais diversos valores. O corpo nu pode contar tantas histórias sobre o Homem, quanto a sua versão coberta. E é a partir do despir de todos os valores e morais, de todas as expectativas, de todos os julgamentos que nos permitimos enxergar diferentes modos de ser e estar com o vestir. Torna-se, portanto,

indispensável o questionamento sobre o corpo e seu posicionamento no mundo para entender a relação do sujeito com a roupa, como o “eu” se constrói em meio ao vestir-se.

A roupa vai muito além de um artifício de cobertura corporal ou um produto de um sistema econômico. Como já mencionado anteriormente no presente trabalho, tais peças são contadoras de histórias. Elas sustentam em si a mágica de receber e carregar a marca humana. Pensar sobre roupa, para Stallybrass, significa pensar sobre memória. Nela ficam guardadas as essências daqueles que a habitaram e que ainda a habitarão. As roupas vivem na permanência do ser.

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradoras, tocando os vivos com os mortos. (STALLYBRASS, 2008, p.10).

Os trajes surgem como inúmeras possibilidades de criações de modos de estar e vir a ser. Para a pesquisadora Andrea Portela tais possibilidades fazem parte do processo de construção do ser. É através do ato de vestir-se que se atinge um estado de espírito, em que o indivíduo procura exteriorizar tudo aquilo que recorre ao seu universo interior. É um modo de expor pela roupa tudo o que se pode dizer sobre o ser.

Estamos sempre em mudança. Somos seres mutáveis. Nossos desejos e gostos se alteram conforme a vida vai avançando. Estamos constantemente nos reinventando. Por meio das roupas podemos concretizar tudo aquilo que vem se transformando dentro de nós. Elas representam um reflexo do interior de cada um. E, ao mesmo tempo, tais peças podem ser o motivo para que certa transformação ocorra. O ser se comunica com aquilo que o veste, pode ser tocado por aquilo que o cobre, pode se sentir instigado à mudança por aquilo que o apresentou uma versão de si anteriormente escondida.

De acordo com Gilson Monteiro, o indivíduo, ao vestir-se e ao consumir desse mercado, “está comprando uma imagem que faz ele faz de si próprio” (MONTEIRO, 1999, p.1). Ele tenta expor ao mundo sua individualidade, o que faz dele um ser único. Mas, simultaneamente, tenta também mostrar que ele se encaixa em algum grupo. Procura deixar claro o seu pertencimento e identificação a algum movimento e espaço.

Unindo as ideias de Monteiro aos estudos de Fraga, reitera-se que a roupa se torna uma fonte de comunicação e informação. Em meio às suas fibras, tonam-se visíveis símbolos de

expressão e identificação de uma cultura da sociedade, seus comportamentos e tradições, suas histórias, que se criam para além de fatores políticos e econômicos. Percebe-se através dos seus fios e linhas, crenças e religiões que estruturam um pensar, uma teia de sagrados que contribui não só para a disseminação de comportamentos e modos de agir, mas também no vestir de um povo.

Ao analisar o comportamento que as vestes incorporam nas diversas religiões ao redor do Brasil, percebe-se como sua importância ultrapassa critérios estéticos. As vestes se tornam expressões de uma crença, simbolizam o contato mais profundo com o divino. A partir dos mantos sagrados, pode-se transmitir as certezas, as tradições e a fé de um determinado grupo. Permite-se, ainda, encontrar, através dessas peças, uma união de pessoas, que carregam consigo os mesmos valores e morais, gerando ali um sentimento de identificação e comunhão, no qual o ser pode enfim se encontrar com o todo.

2.3 VESTES, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

Entende-se, portanto, como as vestes comunicam algo e o seu poder de transmitir mensagens, seja qual for o meio nos quais estão inseridas. O presente trabalho, neste cenário, tem como objetivo analisar e documentar esse comportamento das roupas especificamente dentro do universo religioso. Para tanto, procura-se entender e descobrir o espaço que acolhe esse emaranhado espiritual, intentando definir e conceituar a Religião e a Espiritualidade, que cobrem seus fiéis de valores, morais e práticas a serem seguidas. Nesse sentido, compreender o que esses dois termos carregam em sua essência se torna fundamental para entender ainda mais os comportamentos humanos. Sendo assim, conclui-se que há uma ligação entre a religião e a espiritualidade, no entanto, em seus detalhes, tornam-se visíveis distinções entre ambos que refletem a possibilidade de diferentes experiências e expressões da humanidade quanto ao universo sagrado.

À princípio, acredita-se que a religião surge como um instrumento de conhecimento e controle de uma sociedade. Ela seria a retentora de respostas às dúvidas que tanto perturbam as mentes humanas. “*De onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida?*”. Existe na existência do ser a necessidade de viver em um mundo que faça sentido, que ele possa ter a compreensão e o mínimo controle, que seja, daquilo que acontece durante a sua vida. Sendo assim, ao buscar atender às necessidades e aos desejos do Homem, a religião se consolida como uma instituição, que propõe acalantar aquilo que, de certo modo, não se aquieta.

[...] em toda parte, os homens estavam começando a perceber claramente o espírito de fraternidade da humanidade e procuravam na religião, a confirmação desse espírito, bem como os ritos que iriam aprofundar em suas almas a compreensão que tinham desse fato. Destinava-se assim, a religião, a exercer novo papel social na vida do homem. Já não se esperava mais que fosse apenas uma questão de ritos devidamente executados com o propósito de aplacar os deuses ou granjear os seus favores ou dar validade aos atos da vida social. A religião tinha que conhecer as misérias humanas, as ansiedades e incertezas do homem; e, acima de tudo, as incertezas do homem quanto à sua própria origem e destino final. Tinha que avaliar a luta constantemente travada no coração de todas as criaturas, luta entre o seu "eu" interior e as incessantes manifestações de seu lado mau. Precisava enfrentar as suas frequentes faltas e dar-lhes, de certo modo, a certeza de que tais faltas não causariam, em última instância, a sua destruição. (HUGHES, 1962, s.p.).

Neste mesmo sentido, segundo o escritor e pesquisador Rubem Alves, em sua obra “O que é religião?” (1999), chega-se à conclusão de que a religião e a espiritualidade se fazem muito mais presentes do que o imaginado no dia a dia das pessoas. A partir dos estudos do autor, a religião se apresenta como espelho do que o indivíduo é, de como ele se vê e se identifica. Ela surge como remédio, como resposta para as perguntas que ninguém soube responder, como promessas para acalmar aquilo que tanto atormenta as almas. De acordo com Alves, “é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano” (ALVES, 1999, p.13).

A religião é uma construção humana. Através de seus medos e desejos, de suas dúvidas e buscas por respostas, abre-se um caminho para a criação de algo que seja maior que a mera existência humana. Cria-se um emaranhado de identificação, de comunicação, de reconhecimento daqueles que acreditam nas mesmas coisas, que confiam nas mesmas respostas. A partir das práticas religiosas, unem-se valores similares, criam-se teias sociais.

Por fim, cabe ressaltar que as religiões, ainda que sejam sistemas de práticas simbólicas e de crenças relativas ao mundo invisível dos seres sobrenaturais, não se constituem senão como formas de expressão profundamente relacionadas à experiência social dos grupos que as praticam. (SILVA, 2005, p. 14).

Neste sentido, pode-se afirmar que, apesar de serem temas próximos, religião e espiritualidade nos indicam fenômenos diferentes. Enquanto um se apresenta como instituição, focada num coletivo, o outro se aproxima do individual, da experiência de cada indivíduo. A espiritualidade envolve a intensa busca pessoal pela conexão com algo maior que o ser, uma profunda integração do homem com aquilo que o constrói.

A espiritualidade, por si só, busca o sentido para a existência na existência, não necessariamente o sentido último, preocupação maior da religiosidade. Se

a espiritualidade me faz buscar o sentido para a minha vida, no encontro com a religiosidade esta busca abarca também o além da vida, o último. (PINTO, 2009, p.74).

Através do cultivo da espiritualidade, o sujeito adentra as profundezas do seu existir. A partir desse movimento, desenvolve-se uma jornada de autoconhecimento, de transformação, de conexão com aquilo que ultrapassa as barreiras da racionalidade, decorrido da experiência individual de cada ser. Procura-se conectar o sujeito ao sentido de sua existência. De acordo com Giovanetti, o contato e a conexão com o espiritual permitem com que uma pessoa mergulhe em si mesma e reconheça aquilo que conversa com sua alma.

Sendo assim, compreende-se a relação entre esses dois termos e como eles permitem a manifestação daquilo de mais profundo que há no ser. Neste mesmo modo, deve-se reconhecer que tais elementos da essência do indivíduo também podem ser externalizados através das vestimentas que cobrem tais corpos. Pode-se afirmar que, esses trajes servem não apenas como uma expressão de fé e identidade, mas também como forma de aproximação ao plano espiritual. Por meio das roupas, firma-se um compromisso entre o fiel e o universo metafísico, elas moldam a identidade dos indivíduos de uma comunidade e fomentam uma conexão mais profunda com o outro plano. Assim, as vestimentas não são meramente uma questão de aparência, mas uma parte integrante e significativa da vivência da religião e da espiritualidade.

2.4 NOTAS, SELEÇÕES E REFLEXÕES: BUDISMO, CATOLICISMO E UMBANDA

Sendo práticas religiosas que, de alguma forma, tocam e instigam a autora, o presente trabalho propõe expor, por meio de fotografias, a espiritualidade emanada nas vestes utilizadas no Budismo, na Igreja Católica e na Umbanda. Para alcançar os objetivos de maior imersão e intimidade propostos pela autora, julga-se necessário, sinteticamente, contextualizar a história de cada uma das religiões selecionadas, visando conectar o leitor ao tema estudado.

2.4.1 Budismo

A história do budismo como religião tem seus primeiros indícios com o nascimento de Siddharta Gautama, o Buda, identificado ainda por Sakyamuni, ou “o Sábio do Clã dos Sakyas” (ECKEL, 2009). Nascido na Índia, teve seus ensinamentos propagados por todo o país e, posteriormente, por todo o mundo. De acordo com Malcom David Eckel, em seu livro “Conhecendo o Budismo” (2009), esta tradição religiosa, que tanto procura esclarecer a natureza humana, tem como guia a figura de Buda, “um ser humano que descobriu como acabar com o sofrimento e escapar do ciclo de morte e renascimento” (ECKEL, 2009, p.27).

A tradição budista desenvolveu-se de muitas formas complexas após a morte do Buda, mantendo, porém, o mesmo enfoque prático. O Buda não era considerado como Deus nem como um ser sobrenatural, mas sim como um homem que havia encontrado a resposta para os mais profundos dilemas da vida humana, tornando essa resposta disponível para todas as pessoas. (ECKEL, 2009, p.09).

Analisando simultaneamente o livro de Peter Harvey, “Uma Introdução ao Budismo: ensinamentos, história e práticas” (2012), torna-se evidente que o Budismo procura, de várias formas, ensinar o homem a descobrir e ocupar um espaço de plenitude e calma, ansiando pelo alcançar de uma alma íntegra, que carregue dentro de si compaixão, sabedoria e generosidade. Sendo assim, é necessário um desprendimento do ser com o mundo. É preciso renunciar desilusões cotidianas que criam o costume do apego e do sofrimento. A busca pelo Nirvana, ou seja, o estado de maior libertação espiritual e paz interior, é um dos principais objetivos daqueles que adotam os valores budistas.

Foi somente após um século do falecimento de Gautama que começaram a surgir novos segmentos da prática budista, algo que contribuiu em sua disseminação para o restante da Ásia e do mundo todo. Nesse sentido, o Budismo, figura 1, se fez presente no Brasil a partir do início do século XIX, juntamente com primeiros imigrantes japoneses, mas foi somente depois da década de 1930 que se iniciaram obras e construções dos primeiros templos que abrigam tal manifestação.

Figura 1 - Painel semântico do Budismo

(Da esquerda para a direita: Imagem de uma estátua de Buda; Fotografia da estátua do Abhaya Mudra, que é o gesto da coragem; Duas últimas fotografias de monges segurando um japamala, cordão sagrado que auxilia no processo de meditação dos praticantes do Budismo.)



Fonte: Da autora (2024).

2.4.2 Catolicismo

Sendo uma vertente do Cristianismo, e uma das mais tradicionais manifestações religiosas do mundo, a Igreja Católica, figura 2, desempenha um importante papel na modelagem da civilização ocidental. Tendo Jesus como o Salvador da humanidade, acredita-se, dentro desta prática, que ele foi enviado por Deus à Terra para perdoar e redimir os pecados dos homens. De acordo com o escritor Philip Hughes, em seu livro “História da Igreja Católica”

(1962), não existem diários e documentos que correspondam às principais figuras que adentram a história desta religião. Tudo que se sabe hoje em dia é dado graças aos Evangelhos deixados por aqueles que tiveram experiências com Jesus.

Daquilo que nos foi deixado do período histórico de sua vida, a história da Igreja Católica começa no século I d.C. com os ensinamentos de Jesus Cristo e a missão dos apóstolos, como São Pedro e São Paulo. Inicialmente, os cristãos enfrentaram perseguições sob o Império Romano, contudo, com o Edito de Milão – uma constituição imperial promulgada em 313 d.C.- determinou-se a tolerância à Igreja Católica, fator que muito contribuiu para a expansão de tal manifestação religiosa. Desde então, os ensinamentos e práticas transmitidos por aquele que nos foi enviado foram espalhados ao redor do mundo.

Figura 2 - Painel semântico do Catolicismo

(Da esquerda para a direita: Fotografia de um Ostensório ou Custódia; Fotografia de um Crucifixo; Ilustração de uma pomba, representando o Espírito Santo; Fotografia de um cálice coberto por um Vêu de Cálice.)



Fonte: Da autora (2024).

A história da Igreja Católica no Brasil começa com a chegada dos portugueses em 1500, quando os primeiros missionários, como os Jesuítas liderados por José de Anchieta, iniciaram a evangelização dos povos nativos. Durante o período colonial, a Igreja desempenhou um papel central na sociedade, influenciando a organização social e a administração.

Estabelecida em solo brasileiro desde a chegada da esquadra de Cabral, quando em 26 de abril de 1500, o Frei Henrique de Coimbra celebrou a primeira missa em nossas terras, a Igreja veio deste este momento mostrando-se cada vez mais participativa nos principais acontecimentos do Brasil. (FREITAS, 2005, p.5).

Após a independência do Brasil em 1822, a Igreja continuou a ter grande influência até a Proclamação da República em 1889, quando a separação entre Igreja e Estado foi estabelecida. Nos últimos anos, apesar dos desafios da secularização, a Igreja continua a ser uma força importante na sociedade brasileira.

2.4.3 Umbanda

Tendo sua origem entre as décadas de 1920 e 1930, a Umbanda, figura 3, é uma religião brasileira que se caracteriza por sua fusão de elementos africanos, indígenas e europeus, criando um sistema de crenças único e pluralista. A história de seu desenvolvimento torna ainda mais evidente a capacidade existente em uma sociedade para gerar uma síntese cultural e expõe, também, o anseio pela busca de uma identidade espiritual em um contexto de diversidade e transformação social.

Trata-se de religiões cujos princípios e práticas doutrinárias são, em geral, estabelecidos e transmitidos oralmente. Não há nelas livros sagrados [como a Bíblia, por exemplo] que registrem sua doutrina de forma unificada ou sua história. Neste sentido, são religiões não institucionalizadas. (SILVA, 2005, P.12).

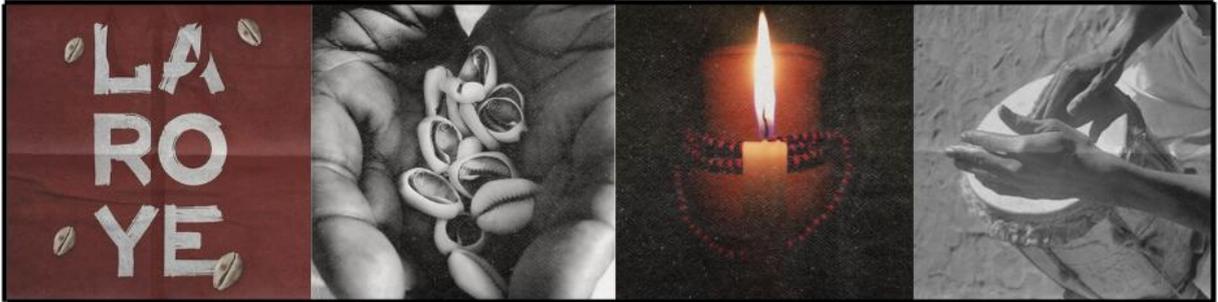
Esta religião nasceu em um momento de agitação espiritual e cultural, no qual diversas tradições religiosas e espirituais começaram, de certo modo, a procurar uma comunicação entre si no Brasil. Perante essas trocas de conhecimentos, crenças e práticas, e, refletindo a realidade multicultural que tanto marca a história do país, a Umbanda carregou, por muito tempo, em sua essência, as marcas do sincretismo.

O encontro entre as manifestações religiosas africanas, os rituais ameríndios e as tradições europeias desencadeou o surgimento de práticas religiosas no Brasil fundamentadas no contato com ancestrais, encantados e espíritos através do processo de incorporação; na interação com a realidade originada na crença de uma energia vital e nas condutas que são estabelecidas através dos relatos orais, passados de geração em geração, além da transmissão de saberes, símbolos, significados. (MEDINA, 2020, p. 29)

Confia-se, nesta prática, em entidades e espíritos evoluídos, seres de luz. Designados como Orixás, ou ainda outras divindades como os Pretos-Velhos, Pombagiras, Exus, Malandros, tais espíritos ocasionalmente descem à Terra, em forma vibracional, para orientar e ajudar aqueles que os procuram e neles confiam. Portanto, a prática de culto a tais divindades tem como principal finalidade o “desenvolvimento espiritual dos médiuns e das divindades que, quando incorporam nos adeptos, geralmente o fazem para trabalharem receitando passes e atendendo ao público.” (SILVA, 2005, p.126).

Figura 3 - Painel semântico da Umbanda

(Da esquerda para a direita: Ilustração de saudação da Umbanda a entidades; Fotografia de búzios; Fotografia de uma Quartinha, jarro de barro utilizado em ritos religiosos; Fotografia de um atabaque, instrumento sagrado utilizado nos rituais da Umbanda.)



Fonte: Da autora (2024).

Contudo, embora seja uma religião que procura incorporar elementos que se relacionem com a essência brasileira, a Umbanda enfrentou e ainda enfrenta resistência, intolerância e preconceito, oriundos de segmentos conservadores da sociedade e também de outras manifestações religiosas. Ainda assim, a religião lutou e continua batalhando por seu espaço e se expandiu, desempenhando um papel importante não só na prática religiosa, mas também no suporte às comunidades locais, oferecendo auxílio em áreas como saúde, educação e assistência social.

A umbanda, como religião que se quer brasileira, nacional, patrocinou no plano mítico a integração de todas as categorias sociais, principalmente as marginalizadas, através de uma nova síntese onde os valores dominantes da religiosidade de classe média [católicos e posteriormente kardecistas] se abriram às formas populares afro-brasileiras [...]. (SILVA, 2005, p.132).

2.5 O ENCONTRO COM A IMAGEM: FOTOGRAFIA E NARRATIVA

Tendo suas primeiras aparições na década de 1830, a fotografia emergiu como um poderoso mecanismo de expressão documental e artística. Através de seu desenvolvimento e de suas produções, permitiu-se aos artistas explorar e comunicar experiências, emoções e perspectivas de uma maneira mais íntima e minuciosa, mais profunda, diferente do que se conhecia antes. Criou-se, a partir de então, uma nova linguagem, um novo jeito de observar as coisas, um novo modo de registrar as memórias do dia a dia, uma nova maneira de conectar as pessoas com aquilo que as cercam.

Verdade seja dita, independente do modo como seja definida, a fotografia tem elementos o bastante para ser tratada como uma linguagem, dotada de códigos que convidam para um jogo de significação. Baseando-nos numa antiga etimologia, a palavra imagem deveria estar ligada à raiz de *imitari*. E essa representação analógica [a cópia] poderá produzir verdadeiros sistemas de signos, e não apenas simples aglutinações. Esta sistematização dos signos

permite à fotografia ser uma linguagem representativa de realidades. (OLIVEIRA, 2011, p. 50).

Neste mesmo cenário, de acordo com Barthes, a fotografia surge como uma ferramenta capaz de moldar o modo como compreendemos o mundo. Através dela, segundo o autor, pode-se enxergar coisas de modos que anteriormente não foram explorados. A fotografia permite com que se capture “a subjetividade de quem a observa a partir do vínculo que é estabelecido entre a fotografia, o observador e até certo ponto do fotógrafo” (CHEDIAK; OLIVEIRA, 2018, p. 279). Sendo assim, tal instrumento se torna um meio de expressão não apenas para o produtor das obras fotográficas, mas também para o público que se conecta e interage com a imagem.

Ainda considerando os estudos feitos por Barthes, entendemos que a fotografia pode despertar vários afetos naqueles que a observam. Através de sua obra, o estudioso francês nos apresenta as duas dimensões fundamentais da técnica fotográfica: o *punctum* e o *studium*, que operam de maneiras distintas na recepção e no significado da imagem. Em um primeiro momento, nos deparamos com aquilo que nos faz sentir uma conexão primordial com a imagem, com aquilo que nos “fere”: o *punctum*. Tal elemento se manifesta por meio da individualidade, da subjetividade de cada indivíduo. Ele se liga às emoções e ao que normalmente é invisível aos olhos. De acordo com Entler, “[...] é algo que parece decorrer da própria imagem, algo que lhe toca independentemente daquilo que seu olhar busca. Ligado ao afeto, é algo difícil de comunicar e, sobretudo, compartilhar” (ENTLER, 2006, p.7). O *punctum* é, portanto, o que torna a experiência da fotografia singular e subjetiva.

Por outro lado, o *studium* se refere aos aspectos culturais, a critérios usualmente já codificados, a questões objetivas. Sendo uma dimensão mais objetiva, o *studium* está mais “ligado ao intelecto, ao que está comumente conotado pela imagem” (CHEDIAK; OLIVEIRA, 2018, p. 279). Ocorre, aqui, o reconhecimento dos elementos que se fazem presentes na imagem, podendo ou não surgir associações com convenções culturais e sociais. “*Studium* se refere a uma leitura com critérios e objetivos definidos, algo que tem mais a ver com uma metodologia para a abordagem da imagem, seja ela qual for” (ENTLER, 2006, p.7).

Sendo assim, para Barthes, a interação entre *studium* e *punctum* é crucial para a experiência imersiva da fotografia. A partir de seus estudos, somos convidados a entender que a produção fotográfica pode nos fornecer não apenas uma obra artística, de representação visual, mas também momentos de reflexões mais profundas sobre emoções e memórias. Por meio da produção de fotografias permite-se criar narrativas que exponham casos, denunciem realidades, contem histórias nunca antes contadas. Elas nos permitem acessar uma realidade

que, por vezes, se distancia do nosso dia a dia. Através dessas imagens, são trazidos ao plano principal elementos que normalmente passam despercebidos, ou que se escondem dos olhares do mundo.

A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de analogon da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD, 1996, p.75).

Neste sentido, em conversa com aquilo exposto em “*A câmara clara*” (1997), para o presente trabalho, a autora procura trazer vários estímulos que possam suscitar os leitores a construir as suas relações com as fotografias. Espera-se fazer com que os espectadores vivenciem as imagens de forma profunda e pessoal, que se crie, através das fotografias, uma conexão emocional dos indivíduos que do trabalho desfrutam com o produto final. A autora busca materializar algo que muitas vezes só é admirado na esfera imaterial, invisível aos olhos, propondo ainda, momentos introspectivos, de reflexão, em que o sujeito procure se conectar com aquilo normalmente se esconde da superfície da existência.

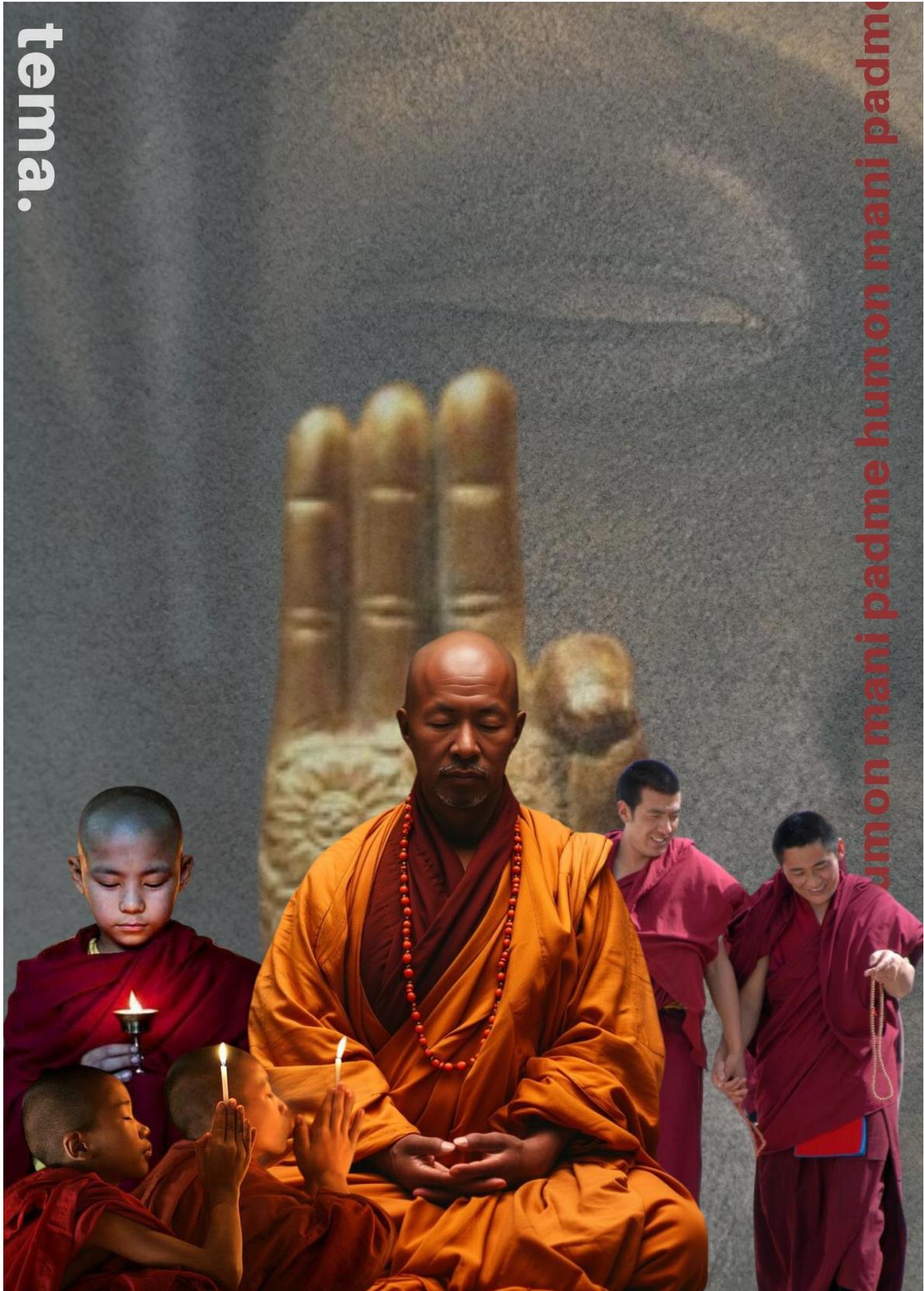
3 DESENVOLVIMENTO DO CATÁLOGO

Vive-se atualmente uma realidade na qual as coisas se perdem e se escondem em meio à constante movimentação da vida. A partir desse trabalho, procura-se proporcionar um momento de introspecção das pessoas, que elas possam observar aquilo que, por vezes, as circundam, mas não são devidamente observados e interpretados. Sendo assim, a seguir, será apresentado todo o processo de planejamento e criação para que tal objetivo seja alcançado.

3.1 CONCEITO

O catálogo batizado por “*Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas*” procura levar seu espectador em uma jornada reflexiva e espiritual. Através das fotografias intimistas e minuciosas, intenta-se expor a espiritualidade que transborda os emaranhados de fios das vestes que habitam os templos budistas, as igrejas católicas e os terreiros de umbanda. Neste sentido, foram criadas três pranchas de iconografia de tema que servirão como referências, representadas nas figuras 4, 5 e 6 a seguir.

Figura 4 – Prancha iconográfica de Tema I – Budismo



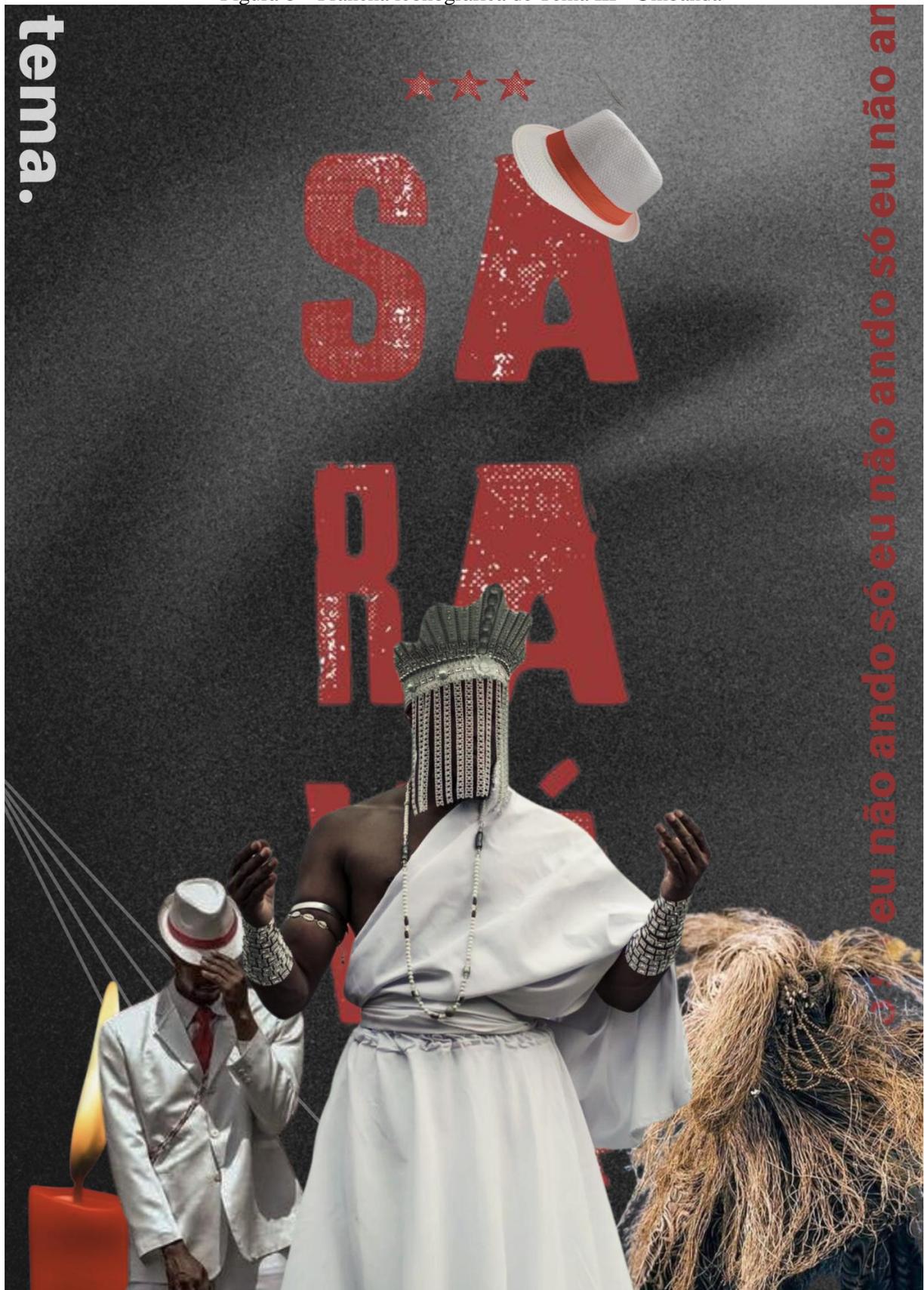
Fonte: Da autora (2024).

Figura 5 – Prancha iconográfica de Tema II – Catolicismo



Fonte: Da autora (2024).

Figura 6 – Prancha iconográfica de Tema III - Umbanda



Fonte: Da autora (2024).

3.1.1 Design

O design pensado para o desenvolvimento de tal catálogo busca trazer um olhar mais intimista para algo que normalmente passa despercebido, figura 7. Procurando materiais que carreguem tal característica, intenta-se, para este projeto, cores mais sóbrias, deixando que as mais vibrantes se expressem apenas em alguns detalhes.

Figura 7 – Prancha iconográfica de Design



Fonte: Da autora (2024).

3.1.2 Iluminação

Buscando sempre o caráter intimista, para a produção das fotografias, a autora intende se aproveitar da luz ambiente dos templos visitados, o que auxilia ainda mais numa melhor ambientação para retratar e expor as vestes em seus devidos espaços religiosos. Além disso, procura-se desfrutar desse tipo de iluminação, a fim de enaltecer e valorizar os detalhes de cada uma das peças fotografadas. A seguir será apresentada uma prancha iconográfica de referências de iluminação que serão utilizadas pela autora, figura 8.

Figura 8 – Prancha iconográfica de Iluminação

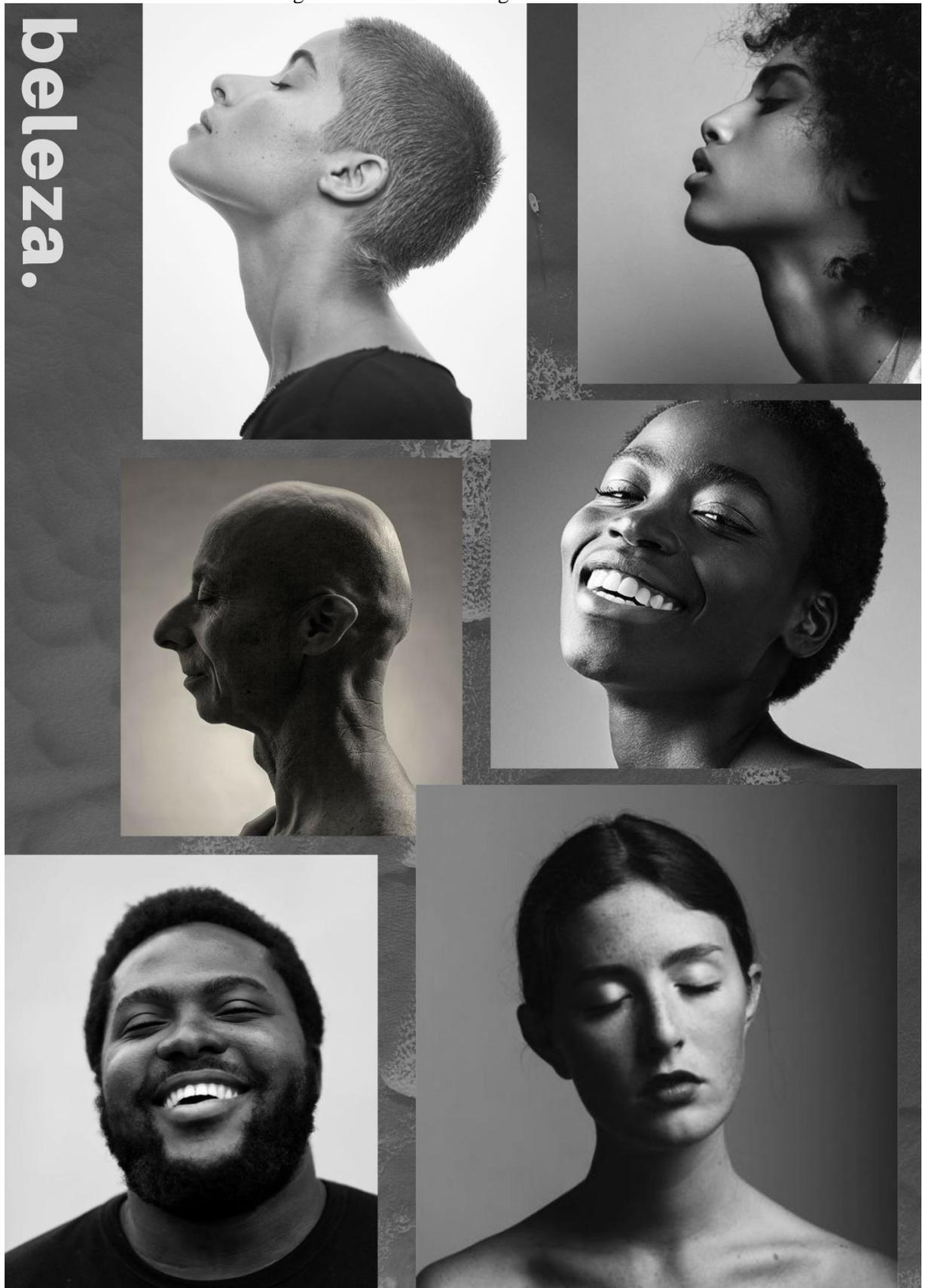


Fonte: Da autora (2024).

3.1.3 Beleza

Pensando na beleza para o catálogo, a autora acredita que deve se prezar pelo natural, para que o foco esteja realmente nos trajes religiosos. Compreende-se também que não há, neste trabalho, uma necessidade de grande produção estética dos modelos, talvez um simples tratamento de pele para melhor refletir a luz. Sendo assim, o natural será predominante. A seguir, apresenta-se uma prancha iconográfica de referências, figura 9, apenas para registros da autora.

Figura 9 – Prancha iconográfica de Beleza

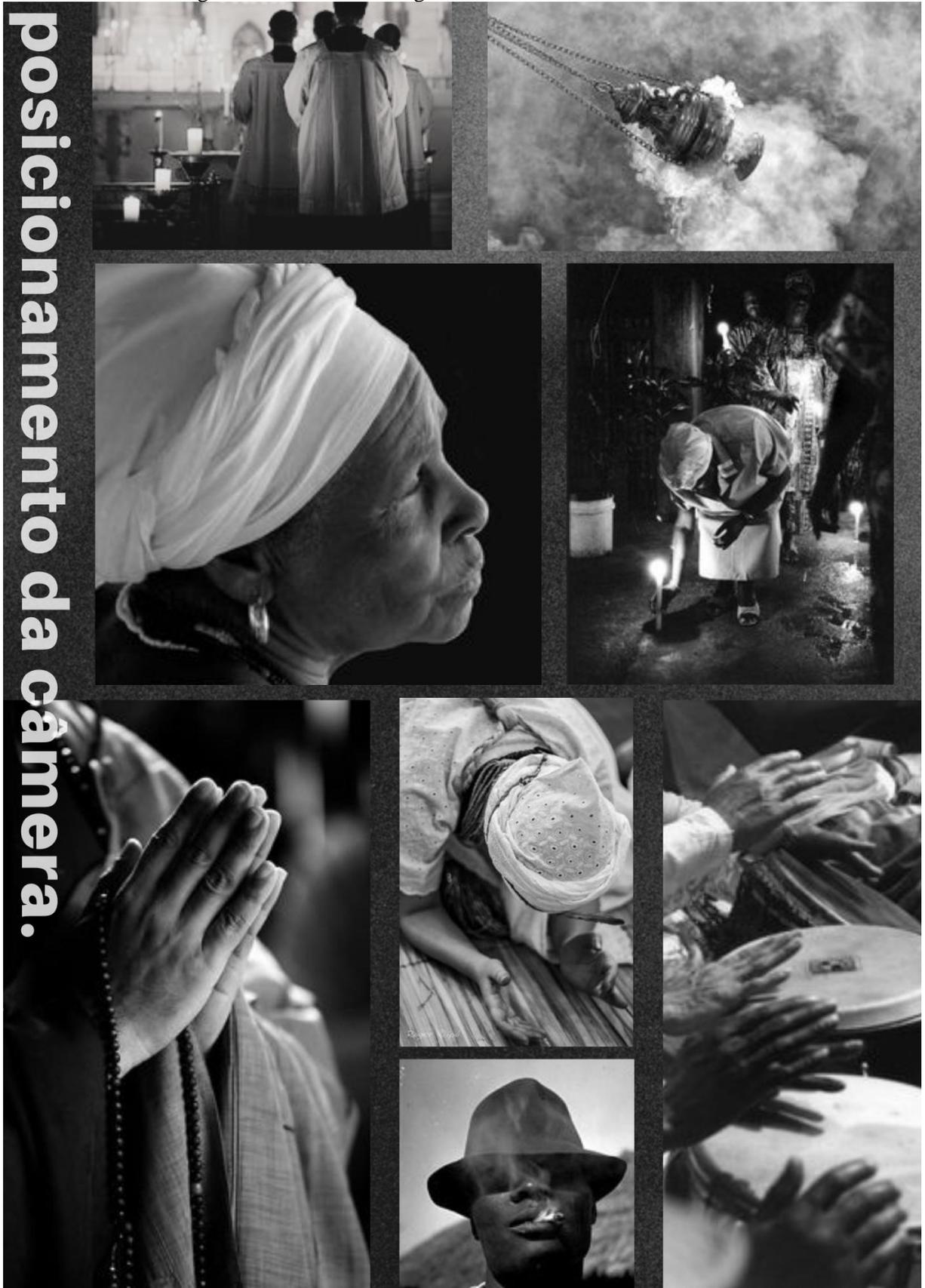


Fonte: Da autora (2024).

3.1.4 Posicionamento de câmera

Para alcançar o efeito desejado da exposição da espiritualidade através da roupa, o modo como a câmera estará posicionada, fará toda a diferença para o resultado final. O equipamento deve se camuflar no ambiente, tentando não interferir na experiência de contato do indivíduo sendo fotografado com o plano espiritual. É importante também que os detalhes das vestimentas sejam capturados em meio à fotografia. Sendo assim, abaixo se apresenta uma prancha iconográfica, figura 10, que será utilizada como fonte de inspiração para a autora durante os momentos de produção fotográfica.

Figura 10 – Prancha iconográfica de Posicionamento de câmera



Fonte: Da autora (2024).

3.1.5 Locação

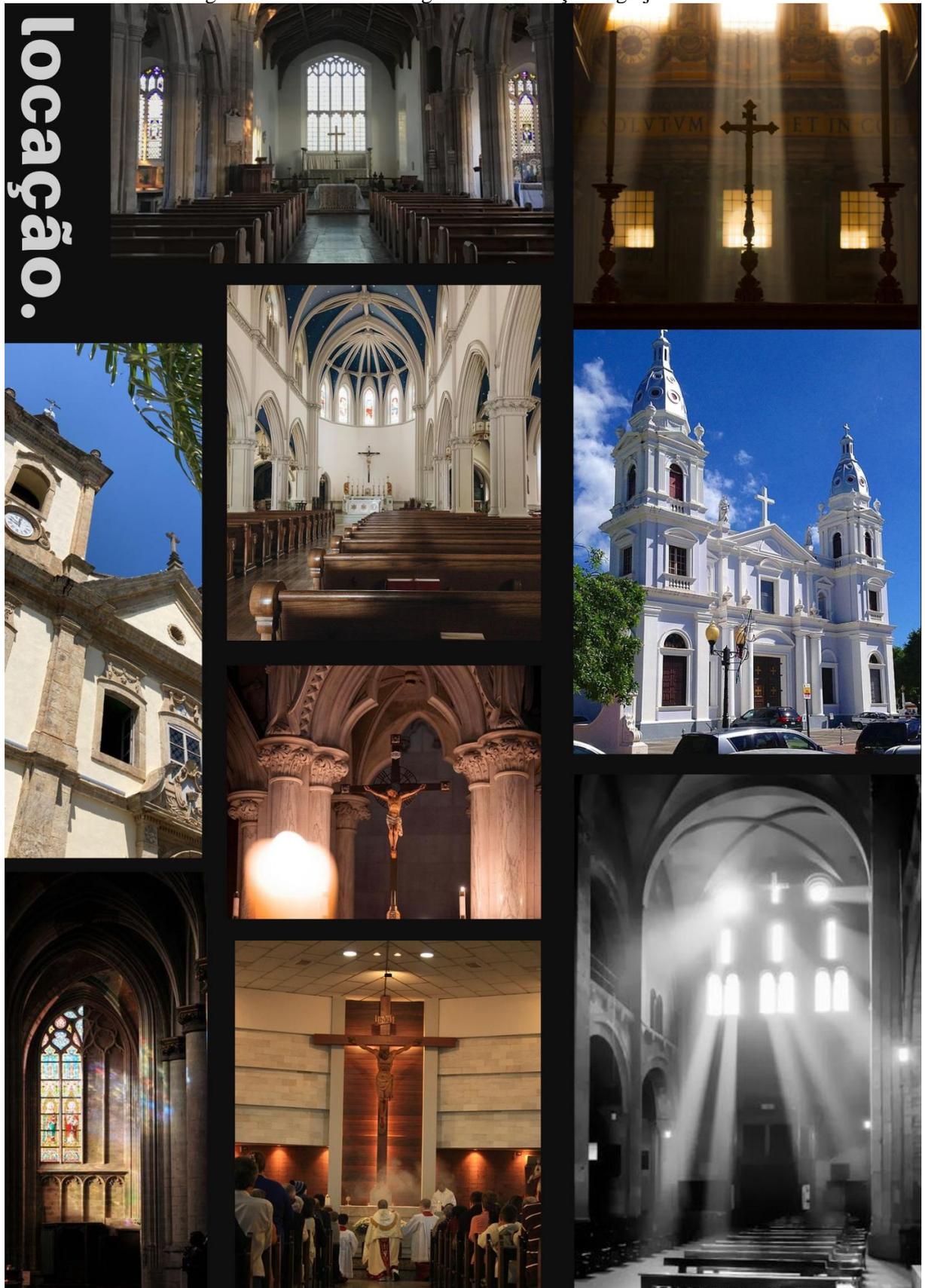
O trabalho contará com três locações, cada uma delas direcionada à uma religião. Sendo assim, serão visitados para o desenvolvimento do projeto um templo budista, uma igreja católica e um terreiro de umbanda. Para fins de registros, a seguir exibe-se uma prancha com modelos dessas locações, separadas dentre as três instituições religiosas definidas para o catálogo, representadas nas pranchas 11, 12 e 13.

Figura 11 – Prancha iconográfica de Locação - Templo Budista



Fonte: Da autora (2024).

Figura 12 – Prancha iconográfica de Locação - Igreja Católica



Fonte: Da autora (2024).

Figura 13 – Prancha iconográfica de Locação - Terreiro de Umbanda



Fonte: Da autora (2024).

3.1.6 Vestuário

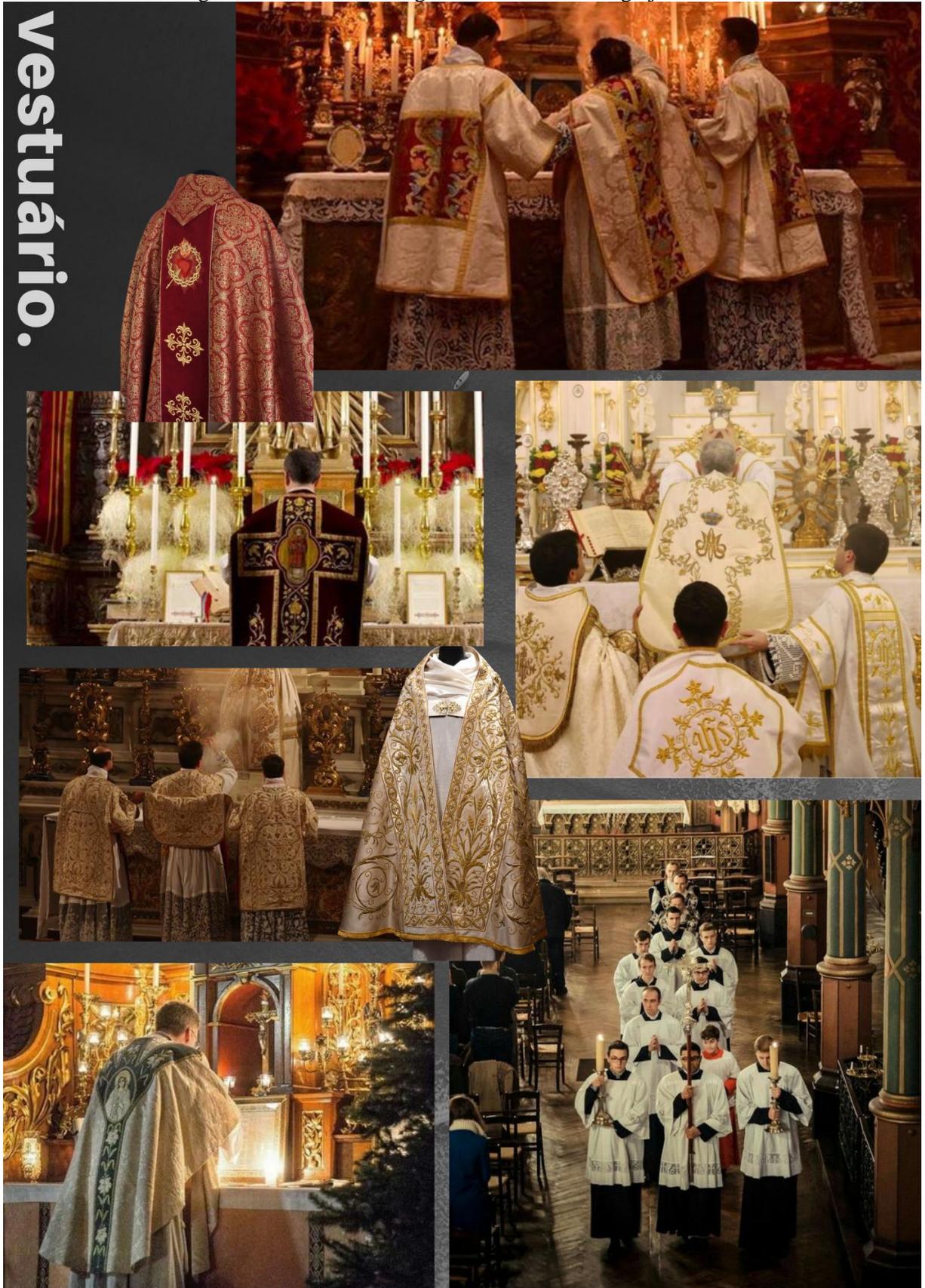
O vestuário será o ponto principal do projeto. Ele contará com as vestimentas utilizadas pelos praticantes das religiões selecionadas. Abaixo, são apresentadas pranchas que apresentam essas vestes, dentro de suas respectivas religiões, nas figuras 14, 15 e 16.

Figura 14 – Prancha iconográfica de Vestuário - Budismo



Fonte: Da autora (2024).

Figura 15 – Prancha iconográfica de Vestuário - Igreja Católica



Fonte: Da autora (2024).

Figura 16 – Prancha iconográfica de Vestuário - Umbanda

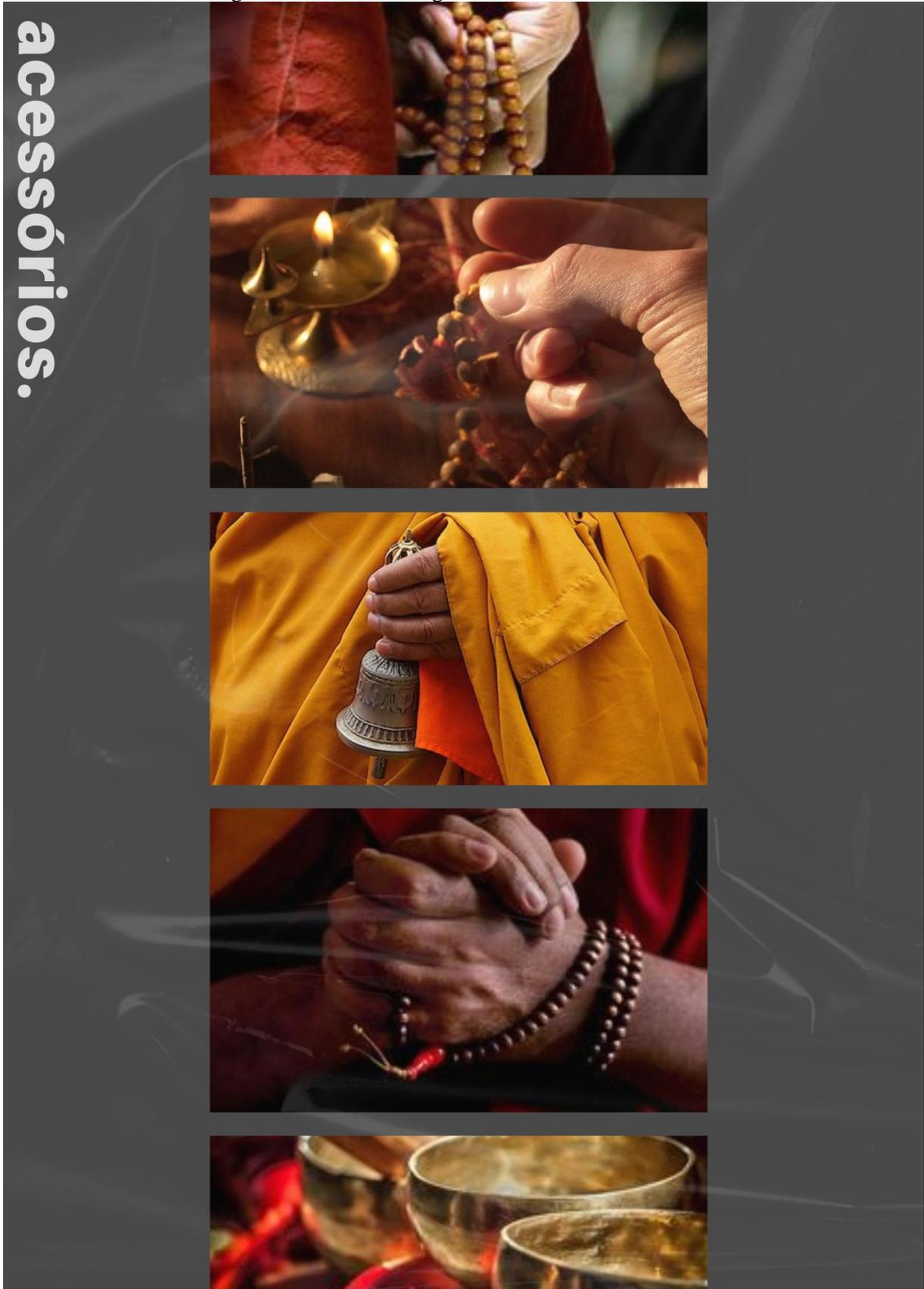


Fonte: Da autora (2024).

3.1.7 Acessórios

Os acessórios utilizados para agregar valor e sentimento ao projeto serão aqueles que já se fazem presentes nas manifestações religiosas. A seguir, nas figuras 17, 18 e 19, as pranchas iconográficas apresentarão aquilo que adorna os corpos, juntamente às vestimentas, para que ocorra uma maior aproximação entre o humano e o divino.

Figura 17 – Prancha imagética de Acessórios - Budismo



Fonte: Da autora (2024).

Figura 18 – Prancha imagética de Acessórios - Igreja Católica



Fonte: Da autora (2024)

Figura 19 – Prancha imagética de Acessórios - Umbanda



Fonte: Da autora (2024)

3.2 PELAS LENTES DE VERGER

O presente trabalho procura transmitir, através de uma interpretação da autora, um olhar mais sensível dos tecidos e acessórios que encobrem os corpos presentes em práticas religiosas. No entanto, tal sensibilidade no olhar não foi construída individualmente. A autora se apoia no olhar e cuidado de vários outros fotógrafos que a antecederam, sendo um deles Pierre Verger, figura 20.

Nascido em Paris, no ano de 1902, Pierre Edouard Léopold Verger marcou a história da fotografia através da captura imagética do cotidiano e das culturas populares das pessoas ao redor do mundo. Seu espírito nômade alimentava o seu desejo de desbravar o vasto mundo que muito o deslumbrava. Neste cenário, em uma de suas visitas à Bahia, em 1946, Verger se encontrou encantado pela hospitalidade e riqueza cultural que lhe foram apresentados.

O trabalho fotográfico de Verger, sério e consistente, apoiado na mais pura intuição, capta o gesto livre do cidadão no seu cotidiano, as festas religiosas, a dinâmica da cidade, o carnaval como a grande festa do povo, a religiosidade e a cultura negra. Com a luz própria e enquadramento clássico, ele deixou uma preciosa iconografia sobre essa cultura. Seu instinto, puramente estético e documental, humanista e social, produziu mais de 65 mil negativos, atualmente depositado na Fundação Pierre Verger, [...] Mario Cravo Neto considera a qualidade fotográfica de Verger comparável apenas à de Cartier-Bresson [...]. (JUNIOR, Rubens, 2003, p. 150-151).

Figura 20 - Painel semântico Pierre Verger

(Da esquerda para a direita: Fotografia de Pierre Verger, autoria desconhecida; Fotografia presente na obra “O Brasil de Verger”, 2006; Fotografia presente no livro “Pierre Verger: Percursos e Memórias”, 2021; Fotografia presente no livro “Orixás: deuses iorubás na África e no Mundo”, 1997.)



Fonte: Da autora (2024).

Verger se destacou por meio de seu olhar atento e sensível às populações marginalizadas, utilizando a fotografia como uma ferramenta para documentar e preservar práticas e rituais que eram apagados pela sociedade. Seu trabalho, que une a técnica apurada e um profundo respeito cultural, revela uma abordagem antropológica e humanista, trazendo consigo o respeito e admiração sempre direcionados às comunidades que fotografava. Nesse sentido, suas obras incluem uma estética que valoriza e preza pela espontaneidade e

naturalidade, sem recorrer ao sensacionalismo ou à idealização das culturas retratadas. Ao longo de sua trajetória, Pierre Verger se consolidou como um dos maiores nomes da fotografia antropológica, sendo reconhecido pela forma respeitosa e profunda com que abordou as realidades culturais que documentou.

Em Verger a fotografia é transparência, é informação, documento, projeção e multiplicação da beleza da cultura de uma raça que, mesmo reconhecida institucionalmente como uma das que constituíram a nacionalidade, tem, com freqüência, seus valores menosprezados, quando não desconhecidos. (OLIVEIRA, Moracy, 1981, s.p.).

4 O CATÁLOGO: EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS

Por fim, para a conclusão do trabalho, será materializado tudo o que foi pesquisado. Esta será a etapa final do projeto, em que se procura construir a experiência imersiva fotográfica das vestimentas com o plano metafísico. A partir de tudo o que foi estudado e de todas as vontades e desejos da autora, será desenvolvido um catálogo que conta com imagens que realcem essa relação íntima das vestimentas com a espiritualidade.

A partir de visitas de templos nas cidades de Barbacena (MG), Juiz de Fora (MG) e Rio de Janeiro (RJ), a autora desenvolverá os materiais imagéticos necessários para a produção do foto catálogo. Nesse sentido, após a edição do conteúdo, selecionado em parceria com a orientadora, o catálogo será diagramado e enviado para a gráfica para a sua impressão.

4.1 CRÉDITOS

Figura 21 - Painel de Ficha Técnica



Fonte: Da autora (2024).

4.2 TABELA DE PREÇOS

Tabela 1 – Planilha de custos do editorial

Editorial: Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas				
Descrição do material/ pessoal	Quantidade/ unidade	Fornecedor/ Local	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Impressão do catálogo físico	1	Centro Gráfica (Barbacena-MG)	200,00	200,00
Passagem para Barbacena	2	Blablacar	30,00	60,00
Transporte para o Terreiro	2	Uber	20,00	40,00
Total				300,00

Fonte: Da autora, 2025

4.3 NARRATIVAS DO CATÁLOGO

Como já apresentado anteriormente, o catálogo “*Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas*” tem como um de seus principais objetivos fornecer a quem o encontrar um momento de introspecção e reflexão. As fotografias que a seguir serão apresentadas procuram expor a ligação única criada entre os mundos materiais e imateriais, das vestimentas com o plano espiritual. A versão digital do catálogo estará disponibilizada em um link ao final do presente tópico.

Em um primeiro momento, devido a dificuldades em conseguir permissão de templos budistas para a realização dos registros dos trajes, serão apresentadas imagens de outros fotógrafos, visando a exemplificação de tudo aquilo que já foi discutido anteriormente. As vestes budistas surgem como um instrumento de identificação, de distinção da comunidade budista. Das cores aos tecidos utilizados para sua produção, tudo tem um significado por trás.

Figura 22 – Foto Budismo 1
(Um jovem monge budista tibetano aprende a usar vestes monásticas)



Fonte: Foto de Olivier Adam.

Figura 23 - Foto Budismo 2
(As linhagens tibetanas usam um manto superior de cor marrom normalmente, mas geralmente usam um manto amarelo durante cerimônias de confissão e ensinamentos)



Fonte: Foto de Olivier Adam.

O robe utilizado pelos monges, denominado Kasaya, foi inspirado nas peças utilizadas por Buddha, marcadas pelos remendos, representando sua rejeição à riqueza material. De acordo com Marin F. Hanson, “textos bíblicos como o Vinaya Pitaka instavam os monges a fazerem o mesmo para simbolizar sua própria dedicação ao ascetismo.” (HANSON, 2012, p.2).

Figura 24 – Foto Budismo 3
(Foto da moja Jetsunma Tenzin Palmo)



Fonte: Foto de Jade Sivori.

As vestes budistas variam conforme as regiões e as diferentes vertentes do Budismo. No entanto, no princípio as roupas monásticas seguiam um padrão. Conhecido como “manto triplo”, ou então, tricivara, o traje budista apresenta três partes principais. A primeira delas é

denominada Uttarasanga. Sendo um grande retângulo que deve ser enrolado em torno do tronco do monge, e devendo também cobrir um ou os dois ombros, o uttarasanga é a camada externa do traje e responsável por representar a relação do budista com Buddha e seus ensinamentos.

Figura 25 – Foto Budismo 4
(Foto de monges na montanha)



Fonte: Autor desconhecido.

A segunda parte do traje, leva o nome de Antarasavaka. Sendo um manto necessário para envolver a parte inferior do corpo. Ele é amarrado na cintura com um cinto de algodão feito especialmente para monges e freiras. Para completar as vestes monásticas, surge também o Sanghati, um robe extra, que por vezes, é visto dobrado e colocado em um ombro. Este robe pode ser usado como assento ou cama, ou ainda como uma cobertura extra no inverno.

Em um segundo momento, busca-se apresentar o íntimo da Umbanda. Com os pontos cantados, as saudações aos orixás, os batuques do atabaque, todo o momento da gira encanta e comove. Os tecidos que abrigam as entidades que vêm ao plano físico nos guiar e aconselhar carregam consigo características marcantes daqueles que os utilizam.

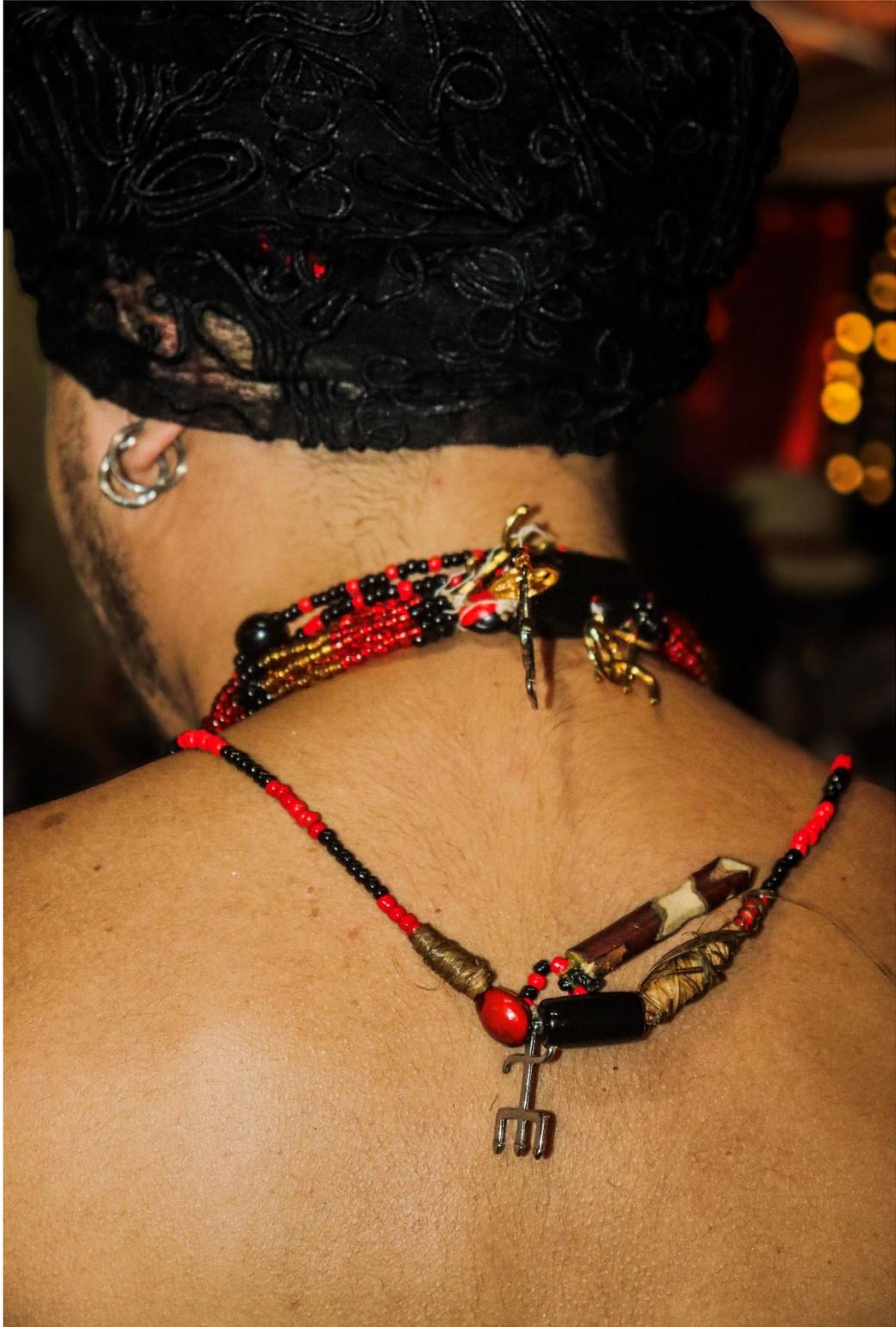
Figura 26 – Foto Umbanda 1
(Foto da Pomba Gira Maria Mulambo)



Fonte: Da autora (2024).

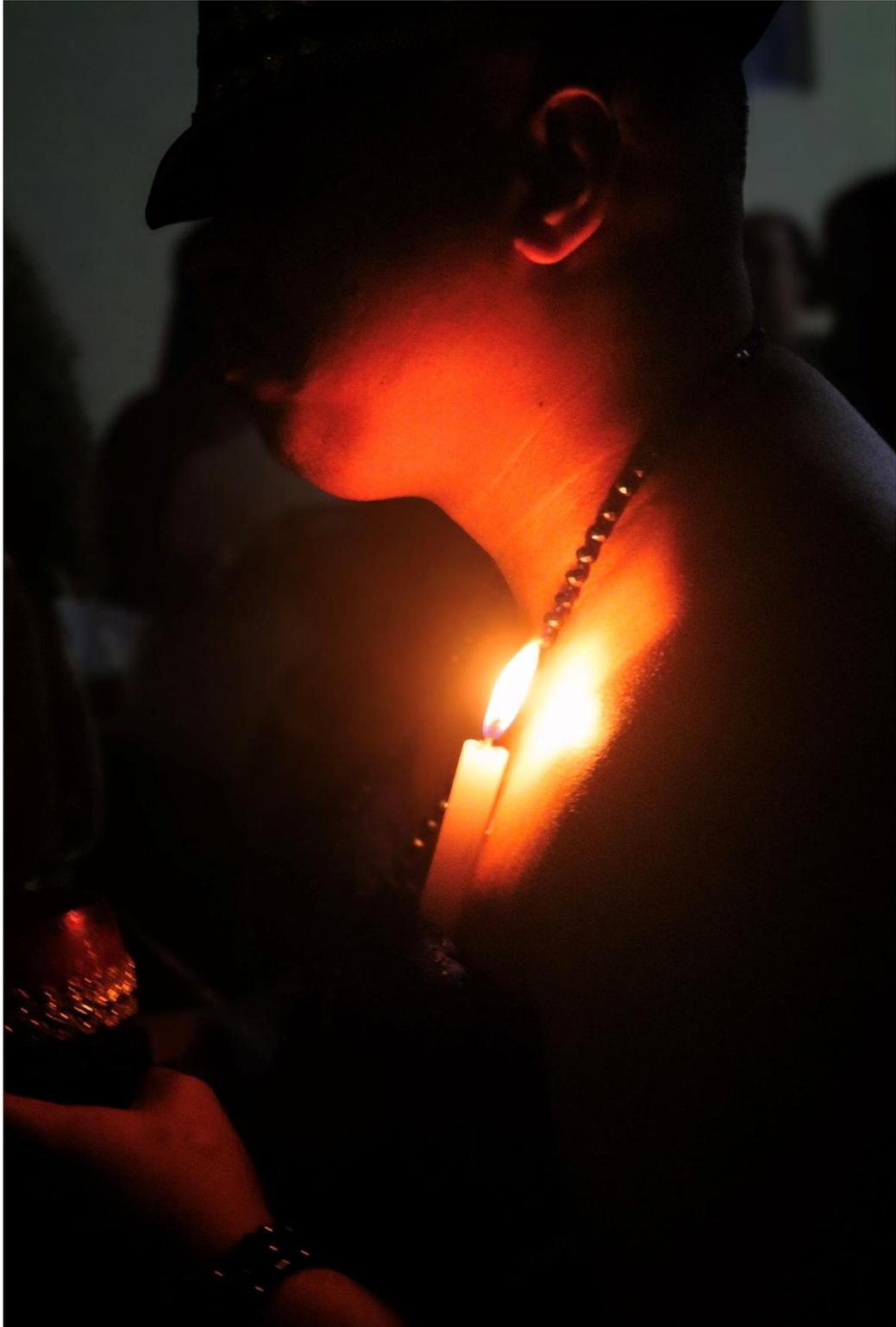
Maria Mulambo sempre se apresenta bela, feminina, carregando extremo carinho por seus seguidores. Sendo elegante e encantadora, acessórios chamam sua atenção, como colares e anéis, assim como o brilho. As cores que mais a agradam são o preto, o roxo e o dourado. Dona Maria Mulambo aprecia ainda cigarros de boa qualidade e bebidas suaves.

Figura 27– Foto Umbanda 2
(Foto da Pomba Gira Maria Mulambo)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 28 – Foto Umbanda 3
(Foto da Pomba Gira Tata Mulambo)



Fonte: Da autora (2024).

Assim como Maria Mulambo, Tata Mulambo chega muito bela e feminina. Vestida de preto, rosa, vermelho e branco, ela também se adorna com colares, pulseiras, anéis e brincos. Seu jeito cuidadoso garante para aqueles que nela têm fé, o amparo contínuo.

Figura 29 – Foto Umbanda 4
(Foto do Malandro Zé Pilintra)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 30 – Foto Umbanda 5
(Foto do Malandro Zé Pilintra)



Fonte: Da autora (2024).

Zé Pilintra nunca passa despercebido. Seu terno branco e seu andar desequilibrado são características marcantes do Seu Zé. A fala mansa e o chapéu sobre o rosto são marcas essenciais do malandro responsável por cuidar energeticamente do terreiro.

Figura 31 – Foto Umbanda 6
(Foto da Pomba Gira Maria Navalha)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 32 – Foto Umbanda 7
(Foto da Pomba Gira Maria Navalha)



Fonte: Da autora (2024).

A caminhada misteriosa, atrelada ao rosto coberto por chapéu, implica a marca de Maria Navalha. O vermelho sempre a acompanha, cortando tudo aquilo de ruim que cerca e sai daqueles que a procuram.

Figura 33 – Foto Umbanda 8
(Foto da Pomba Gira Cigana)



Fonte: Da autora (2024).

Coberta por tecidos predominantemente vermelhos e saias rodadas, a Cigana ganha espaço na gira. Tendo pendurados em suas vestes adereços de diferentes cores e materiais, a Pomba Gira se prontifica a ajudar aqueles que precisam, principalmente, no amor, na prosperidade e nas questões voltadas ao feminino.

Figura 34 – Foto Umbanda 9
(Foto das entidades durante a gira)



Fonte: Da autora (2024).

Em um último momento, adentra-se a intimidade e grandiosidade da Igreja Católica. As imagens procuram captar minuciosamente cada um dos detalhes, cada bordado, cada acessório que auxilia na conexão do sacerdote com o divino. Para sua paramentação, há uma oração que deve ser rezada pelo padre a fim de cada uma das peças utilizadas por ele possa assisti-lo a cumprir ainda mais profundamente sua vocação.

Figura 35 – Foto Igreja Católica 1
(Foto do Padre preparando os trajes para sua paramentação)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 36 – Foto Igreja Católica 2
(Foto do Padre já utilizando a Alva e a Casula)



Fonte: Da autora (2024).

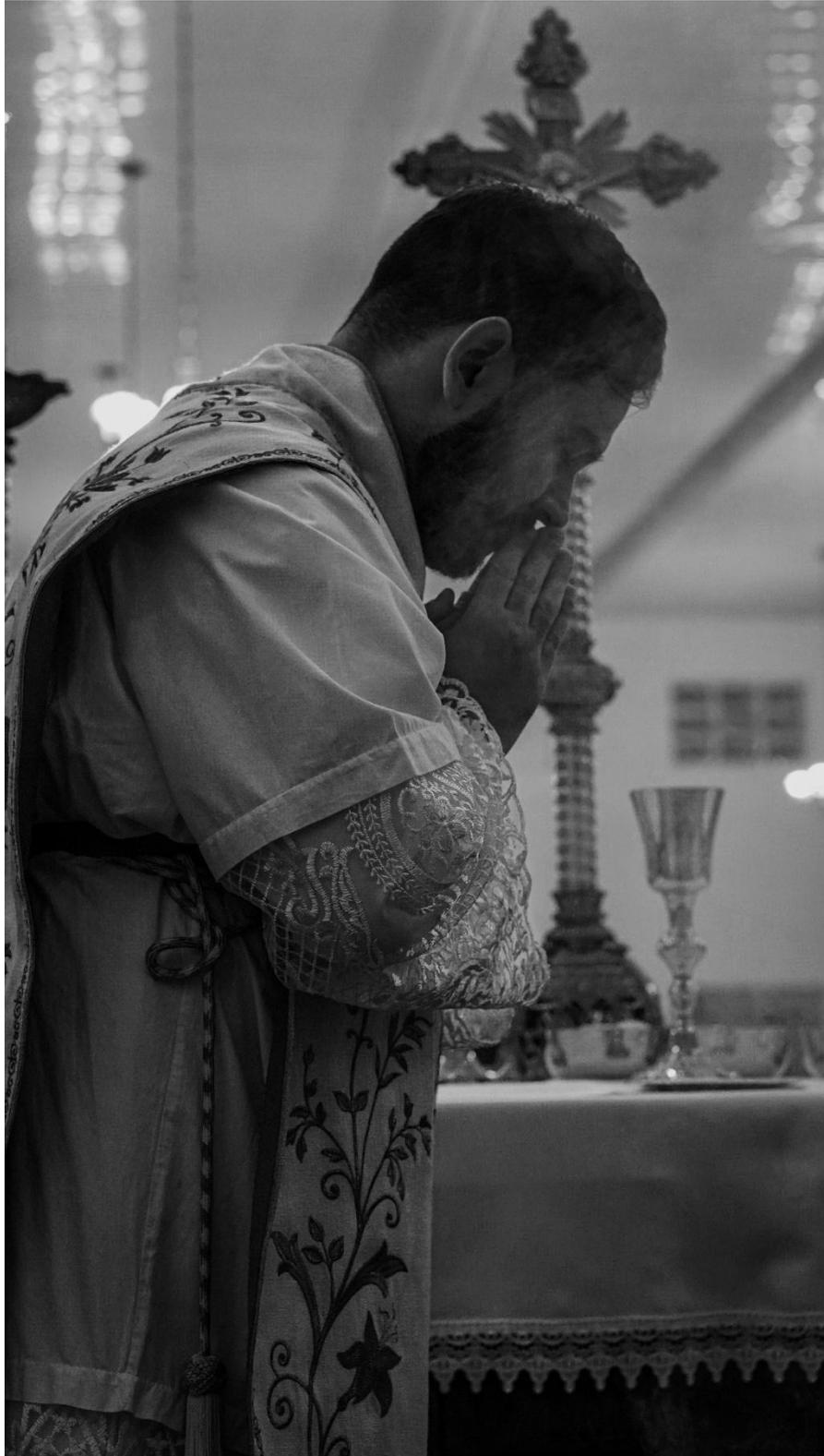
De acordo com Lesage, a cor branca da alva, remete à “pureza do coração, a candura virginal, a incorruptibilidade da doutrina, a virtude da perfeição: é imagem da fé e da boa fé” (LESAGE, 1959, p. 80). Ao se paramentar com a alva, o padre deve dizer “Abranqueai-me, Senhor, e purificai o meu coração a fim de que, lavado no sangue do Cordeiro, goze das alegrias eternas” (ROWER, 1928, p. 173). Já a casula sobrepõe a alva. Ela representa a “inocência, a caridade e o doce e suave jugo do Cristo” (VASCONCELOS, 1959, p. 89). A oração que acompanha o momento de vestir tal peça é: “Senhor, que dissestes: O meu jugo é suave e o meu fardo leve; fazei com que eu o carregue de modo a conseguir a vossa graça. Amém”. (ROWER, 1928, p. 173).

Figura 37 – Foto Igreja Católica 3
(Foto do Padre durante a celebração)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 38 – Foto Igreja Católica 4
(Foto do Padre durante a celebração)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 39 – Foto Igreja Católica 5
(Foto do Padre durante a celebração)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 40 – Foto Igreja Católica 6
(Foto do Padre se preparando para o momento de Consagração)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 41 – Foto Igreja Católica 7
(Foto do momento de Consagração)



Fonte: Da autora (2024).

Figura 42 – Foto Igreja Católica 8
(Foto do Padre paramentado com uma Capa Pluvial para o momento de Adoração)



Fonte: Da autora (2024).

Também conhecida como capa de asperges, a capa pluvial é utilizada pelos sacerdotes em procissões dentro e fora da Igreja, em algumas celebrações específicas, mas principalmente quando haverá adoração à Eucaristia. Ao retirar a peça, o padre deve manter as seguintes

intenções: “Despi-me, Senhor, do homem velho com seus costumes e atos, e vesti-me do homem novo, que foi criado segundo Deus, em justiça e santidade de verdade” (ROWER, 1928, p. 173). Normalmente a capa é utilizada juntamente ao véu umeral utilizando o véu umeral para evitar o contato direto das mãos do sacerdote com os instrumentos sagrados.

Figura 43 – Foto Igreja Católica 9
(Foto do momento de Adoração)



Fonte: Da autora (2024).

Por fim, com o intuito de criar uma experiência imersiva deste trabalho, foi desenvolvida uma versão digital, disponível no link: https://www.canva.com/design/DAGgnkt6Idg/E-1vxmCf4NnWZMK_DoN0VA/view?utm_content=DAGgnkt6Idg&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utm_id=h4ba2493efc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com “*Mantos sagrados e religiosidade no Brasil: fotografia, trajes e narrativas*”, propunha-se apresentar, a partir de um foto catálogo intimista e introspectivo, como a espiritualidade se manifesta através das vestimentas religiosas. Acredita-se que tal objetivo final foi alcançado, mas não sem alguns desafios no caminho.

Num primeiro momento, de pesquisa e recolhimento de informações, a autora encontrou muita dificuldade em achar conteúdos específicos sobre as vestimentas religiosas da Umbanda, mas principalmente do Budismo. Foi também enorme a dificuldade em achar textos acadêmicos que abordassem a Espiritualidade da forma necessária para o trabalho. Sendo assim, esse momento de procura desses conteúdos exigiu mais tempo e esforço do que havia sido planejado pela autora.

Num segundo momento, foi necessário realmente definir como seria realizado o catálogo, com o desenvolvimento das pranchas, alinhando as ideias que tanto circulavam na mente da autora. No entanto, mesmo com todo esse processo minucioso de escolhas, algumas coisas tiveram que ser alteradas no decorrer do progresso do trabalho. O que seria antes um catálogo físico, foi optado, após uma conversa com a orientadora, que se tornasse um catálogo digital, com menos fotos, para a avaliação final da banca. Ainda assim, surgiu a possibilidade de levar para a defesa uma versão impressa mais completa, mas apenas para complementar a pesquisa.

Para o registro das fotografias, tanto para as da Umbanda, quanto as da Igreja, não houve problemas com os locais. Desde a ideia inicial do projeto, já era sabido quais seriam os lugares para as fotos, já tendo a permissão de seus devidos diretores. Contudo, para as do Budismo, nenhum dos templos procurados pela autora permitiram que se fotografasse dentro das casas, devido a regras internas. Sendo assim, visando não perder toda a pesquisa que já havia sido realizada, por uma instrução da orientadora, decidiu-se adotar imagens de outros fotógrafos para apenas ilustrar aquilo que já havia sido desenvolvido, mas sem entrar no catálogo final. Todavia, o desejo de fotografar tais vestes ainda permanece com a autora, tornando-se uma possibilidade para projetos futuros.

Num próximo instante, encontra-se um momento de dúvida e dificuldade em como seriam editadas as imagens selecionadas minuciosamente. Foram necessários vários cuidadosos recortes das fotos, que mantivessem a essência das imagens, mas que ainda preservassem a imagem dos sujeitos registrados.

Após todo esse processo, surge o desafio final: desenvolver o corpo do catálogo que acolheria toda intimidade e introspecção dos momentos capturados. Muito teve que ser pensado

para que o resultado se assemelhasse àquilo que havia sido construído na mente da autora do projeto e para que, por meio dele, pudessem ser transmitidas todas as mensagens que foram minuciosamente pensadas.

Apesar de todas as adversidades encontradas ao longo do trajeto, as experiências vividas pela autora foram essenciais para seu desenvolvimento e crescimento. Com o trabalho *Mantos Sagrados*, muito se aprendeu sobre as diferenças, sobre como os corpos se comportam dentro desses espaços religiosos, como as vestimentas complementam essas experiências. Através dessas vivências, a autora pôde explorar aquilo que acreditava e desacreditava, pôde revisar seus valores, teve ainda a oportunidade de se conectar com aquilo que lhe era desconhecido.

Espera-se que com o catálogo, o sentimento vivido pela autora e por aqueles que se permitiram ser registrados possa proporcionar um respiro profundo em meio ao sufoco cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ADVERSE, Angélica Oliveira. **O ser e o vestir: Oscar Wilde e a masculinidade eternizada na arte moderna**. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/53136>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- ALDAZÁBAL, José. **Capa Pluvial**. Dicionário elementar de liturgia. Secretariado Nacional de Liturgia: Portugal. Disponível em: https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=71. Acesso em: 3 mar. 2025.
- ALVES, Daniel. **O budismo no Brasil. Horizontes antropológicos**, v.9, n. 19, p. 337-341, julho, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/5QTrpR8J47qsnZpjJRK88SR/#>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- ALVES, Gabriela Santos. Do **desejo pelas imagens: apontamentos sobre história da fotografia**. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste–Ouro Preto, MG. 2012.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BALDINI, Massimo. **A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história**. Portugal: Edições 70 LTDA, 2005.
- BARNARD, Malcom. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução: Júlio Castañon Guimarrães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Tradução: Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CATRÉ, M. N. C., FERREIRA, J. A., PESSOA, T., CATRÉ, A., & CATRÉ, M. C. (2016). **Espiritualidade: Contributos para uma clarificação do conceito**. *Análise Psicológica*, 34(1), 31-46. <https://doi.org/10.14417/ap.877>
- CHEDIAK, S.; OLIVEIRA, P. R. de. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Revista Hipótese, Bauru, v. 4, n. 2, p. 278–288, 2018. Disponível em: <https://revistahipotesse.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/323>. Acesso em: 19 set. 2024.
- COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Goiânia, 2013
- ECKEL, Malcom David. **Conhecendo o Budismo: origens, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados**. Tradução: Mitiyo Murayama. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ENTLER, Ronaldo. **Para reler a câmara clara**. FACOM-Revista da Faculdade de Comunicação-FAAP, v. 14, 2006.
- FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Panorama da Fotografia no Brasil [1946-98]**. In: _____. *Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil [1946-1998]*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 150-151.

- FERNANDES, M. **Pombagira Maria Mulambo**. Disponível em: <https://marciafernandes.com.br/site/pomba-gira-maria-mulambo/>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- FRAGA, Ronaldo. **A moda como vetor cultural**. Youtube, 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/zuB682m90UU?si=Rp5yEeFbajwIVM3F>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- FREITAS, Luiz Antônio de. **Catolicismo Popular e Festas Religiosas: A Religiosidade no período colonial**. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de História, Natal, 2005.
- GIOVANETTI, J. P. **Psicologia Existencial e Espiritualidade**. In: AMATUZZI, M. M. (org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo, Ed. Paulus. 2005. p. 129 – 145
- HANSON, Marin F. **Cross-cultural Commemoration: Historical Chinese Patchwork Inspires a New Tradition in America**. In: TEXTILE SOCIETY OF AMERICA SYMPOSIUM, 2012, Lincoln. Proceedings [...]. Lincoln: University of Nebraska-Lincoln, 2012. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/tsaconf/692>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- HARVEY, Peter. **An Introduction to Buddhism: Teachings, History and Practices**, 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. Tradução: Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- HUGHES, Philip. **História da Igreja Católica**. Tradução: Leônidas de Carvalho. São Paulo Dominus, 1962.
- INHAM, Paula Estrela Casali. **Religião Católica: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Juiz de Fora, 2015.
- KARUNA, Candana. **The Tradition of Buddha's Robe**. Disponível em: <https://www.urbandharma.org/udharma10/robe.html>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- KOSLOWSKI, A. **Em Torno da Problemática de Definir Religião**. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 103–126, 2013. DOI: 10.5216/phi.v18i1.20819. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/20819>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- LESAGE, Robert. **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959.
- LISSOVSKY, Mauricio. **A máquina de esperar**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- MACHADO, I. K. N.; DE AGUIAR, I. P. **A pomba-gira cigana no candomblé do sertão: subversões e peculiaridades em Maracás, Bahia**. *ODEERE*, v. 2, n. 3, 14 jul. 2017.
- MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- MEDINA, Isis Saraiva Leão. **Entre saias e navalhas: reflexões possíveis sobre roupa, memória e axé a partir de uma epistemologia das macumbas**. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 1–20, 2023. DOI: 10.5965/25944630722023e3561. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/23561>. Acesso em: 17 mai. 2024.

MEDINA, Isis Saraiva Leão. **“Sou da linha de Ubanda”: A simbologia presente na indumentária de Preto Velho e Exu no ritual de Umbanda.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2020.

MONTEIRO, Gilson. **A metalinguagem das roupas.** Biblioteca online de ciências da computação, p.167-181. 1999. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/monteiro-gilson-roupas.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

OLIVEIRA, Moracy R. de. **A cultura negra em fotos: um legítimo ato de amor.** Jornal da Tarde, São Paulo, 22 abr. 1981.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. **Fotografia e memória: a criação de passados.** Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2011. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Oliveira-R-L-S.pdf>. Acesso em: 03 set. 2024.

PIERRE Verger. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2536/pierre-verger>. Acesso em: 28 nov. 2024.

PINTO, Ênio Brito. **Espiritualidade e Religiosidade: Articulações.** REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 9, 2009.

PEREIRA, Dalmir Rogerio. **Alinhaves entre traje de cena e moda: estudos a partir de Gabriel Villella e Ronaldo Fraga.** Dissertação (Mestrado) Departamento de Artes Cênicas, CAC ECA USP. São Paulo, 2012.

PORTELA, Andrea. **Artes de Vestir.** MS Estudos de Cultura Contemporânea, UFMT. Goiânia, 2011. Disponível em: <https://coluquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT08/ARTIGO%20DE%20GT/99445%20ARTES%20DE%20VESTIR.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

PROJECT, T. N. **Monastic robes.** Disponível em: <https://tnp.org/tibetan-monastic-robes/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PUJANA, I. **Es monja, vivió 12 años en una cueva en los Himalayas y ahora está revolucionando el mundo budista.** Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/otros/es-monja-vivio-12-anos-en-una-cueva-en-los-himalayas-y-ahora-esta-revolucionando-el-mundo-budista-nid23062018/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

Quem foi Zé Pilintra? Ita Balago - Portal sobre espiritualidade, bem-estar e autoconhecimento. Ita Balago, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://itabalago.com.br/blog/quem-foi-ze-pilintra/>. Acesso em: 3 mar. 2025

REGO, Waldeloir. **O fotógrafo e a etnografia.** In: VERGER, Pierre. Bahia África Bahia: fotografia. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996. p. 17-18.

ROSA, E. **Samba no pé: a Dança de uma Padilha que é Zé.** Anais Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas - LUME e PPG Artes da Cena, n. 3, 2018.

ROWER, Frei Basílio. **Dicionário litúrgico.** Petrópolis: Vozes, 1928.

SANTIROCCHI, Ítalo. **Historiografia sobre a Igreja Católica no Brasil imperial**. In: XVI Congresso Regional de História da Anpuh. Anais. 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda – caminhos da devoção brasileira**. 2.ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SONTANG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORCINELLI, Paolo. **Estudar a moda: corpos, vestuário, estratégias**. São Paulo: Senac, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução: Tomaz Tadeu- 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

STEINWASCHER NETO, H. **O Edito de Milão e o Princípio da Liberdade Religiosa**. Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, [S. l.], v. 17, 2015. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/fdsbc/article/view/148>. Acesso em: 15 set. 2024.

STRATTON, C. Sop-Li, a late fifteenth century bronze workshop in Lan Na. **The Journal of the Siam Society**, [S. l.], v. 97, p. 161–175, 2009. Disponível em: https://so06.tci-thaijo.org/index.php/pub_jss/article/view/158261. Acesso em: 28 fev. 2025.

Tatá Mulambo. Disponível em: <https://centropaijoaodeangola.com.br/tata-mulambo/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

VASCONCELOS, Irmã Maria de S. João. **Vestes litúrgicas e linhos do altar - corte e ornamentação**. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

VIANA, Fausto. **Os trajes da Igreja Católica: um breve manual de conservação têxtil**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9788572052689>. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1234. Acesso em 2 março. 2025.

VIANA, Fausto. **Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2017. DOI: 10.11606/9788572051811. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/165. Acesso em: 17 abr. 2024.